

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

ANDREIA CHAVIER DE OLIVEIRA BARBOSA

**CARTOGRAFIA DE SÃO DOMINGOS DE GOIÁS: PATRIMÔNIO
CULTURAL E NATURAL**

Goiânia
2019

ANDREIA CHAVIER DE OLIVEIRA BARBOSA

**CARTOGRAFIA DE SÃO DOMINGOS DE GOIÁS: PATRIMÔNIO
CULTURAL E NATURAL**

Monografia apresentada ao Curso de Museologia, nível Graduação, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás, como um dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Linha de Pesquisa: Cultura, Representações e Práticas Simbólicas.

Orientadora: Profa. Ivanilda Aparecida de Andrade Junqueira

Goiânia

2019

ANDREIA CHAVIER DE OLIVEIRA BARBOSA

**CARTOGRAFIA DE SÃO DOMINGOS DE GOIÁS: PATRIMÔNIO
CULTURAL E NATURAL**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, para obtenção ao título de Bacharel em Museologia, aprovado em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.^a Dr.^a Ivanilda Aparecida Junqueira
Orientadora

Prof. Dr. Rildo Bento de Souza
Examinador

Prof. Dr.^a Darlen Priscila Santana Rodrigues.
Examinador

“Vereda em vereda, como os buritis ensinam, a gente varava para após. Se passava o Piratinga, que é fundo, se passava: ou no Vau da Mata ou no Vau da Boiada; ou então, pegando mais por baixo o São Domingos, no Vau do José Pedro. Se não, subíamos beira desses, até as nascentes, no São Domingos. A ser importante, que se tinha de estudar, era avançar depressa nas boas passagens nas divisas, quando militar vinha cismado empurrando. É preciso saber os trechos de se descer para Goiás: em debruçar para Goiás, o chapadão por lá vai terminando, despenha.”

Trecho do livro
Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa.

AGRADECIMENTOS

Sou extremamente grata a Deus pela força e saúde que ele me concedeu, para que eu pudesse ter concluído este trabalho. Sei que foi ele que me colocou nesta Universidade, em que encontrei pessoas maravilhosas que me ajudaram em várias ocasiões da minha vida acadêmica.

Agradeço muito por esta Universidade que tem uma equipe de funcionários capacitada, uma ótima estrutura e por fim um excelente corpo Docente em que tem como missão não só com a transmissão do conhecimento, mas também de formar profissionais éticos e responsáveis.

Agradeço muitíssimo a minha orientadora Dr.^a Ivanilda Aparecida Junqueira pela motivação, orientação e correção deste. Um exemplo de pesquisadora, de luta, de ética e de compromisso que está sempre pronta a novos desafios.

Agradeço pelos meus pais que foram os principais incentivadores, que me deram amor e apoio emocional em vários momentos deste curso. Gostaria de agradecer também ao meu irmão Alex e sua esposa Mariza que algumas vezes cuidaram dos meus filhos e por seu apoio.

Agradeço meu esposo Edionaldo, meus filhos André e Vitor Hugo que me apoiaram e entenderam a minha ausência e que por muitas vezes me acompanhavam nesta caminhada.

Agradeço ao meu tio Ailton, minha tia Maria de Jesus, a todos os meus tios e tias, que também me incentivaram. E a todos que contribuíram de alguma forma em minha vida acadêmica, que me apoiaram ou me criticaram, tudo contribuiu para que eu chegasse até aqui. Agradeço também aos profissionais do LabArq que me ajudaram nas minhas pesquisas e que com muita paciência me acolheram, meus sinceros agradecimentos a todos.

Em muitos momentos pensei em desistir, mas muitas pessoas incríveis não permitiram que eu desanimasse. Sei que a minha formação foi um milagre em que muitas pessoas, foram usadas por Deus para me ajudar.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Mapa de possíveis rotas para São Domingos

Figura 2: UHE de São Domingos

Figura 3: PCH São Domingos II

Figura 4: Erosão da encosta da Serra Geral

Figura 5: Família Pinheiro

Figura 6: São Domingos Gusmão

Figura 7: Entrada do Parque Estadual de Terra Ronca

Figura 8: Foto de Satélite da área da Serra Geral

Figura 9: Serra Geral de Goiás

Figura 10: Buritis Altos, Cabeceira da Vereda

Figura 11: Prainha do Lago de São Domingos

Figura 12: Jazigo de Dona Joaquina Pinheiro dentro da Igreja Matriz

Figura 13: Igreja Matriz de São Domingos Gusmão

Figura 14: Rua 7 de setembro

Figura 15: Casa da Rua de Pedra 7 de setembro

Figura 16: Casarão Centenário

Figura 17: Casarão de estilo colonial da Rua Flores

Figura 18: Casa da Alfandega

Figura 19: Local onde estava a Casa do Quinto

Figura 20: Casa Paroquial que foi construída ao lado do Seminário

Figura 21: Piso original do Seminário

Figura 22: Estética colonial da fachada da Casa Paroquial

Figura 23: Seminário

Figura 24: Muro de Pedra

Figura 25: Final do Muro de Pedra

Figura 26: Notícia de um Jornal – A MANHÃ 2ª edição

Figura 27: Início da cavalgada da fé de São Domingos

Figura 28: Percurso da Cavalgada

Figura 29: Casa do Guia Ramiro

Figura 30: Fachada da Casa do Guia Ramiro com a oração de São Francisco

Figura 31: Tucano e um casal de araras azuis criados solto pelo Guia Ramiro

Figura 32: Vaquejada de São Domingos

Figura 33: Rodeio de São Domingos

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA – Área de Preservação Ambiental

EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo

FGV - Fundação Getúlio Vargas

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

ONU - Organização das Nações Unidas

PETeR - Parque Estadual de Terra Ronca

PNMA - Política Nacional do Meio Ambiente

SBE - Sociedade Brasileira de Espeleologia

UC - Unidade de Conservação

SUMÁRIO

RESUMO	09
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO: PELOS CAMINHOS DE SÃO DOMINGOS DE GOIÁS...	11
 CAPÍTULO I: SÃO DOMINGOS DE GOIÁS - UMA HISTÓRIA A SER CONTADA.	 14
1.1 Economia, política e turismo.	17
1.2 Parque Estadual de Terra Ronca	25
 CAPÍTULO II: UMA PROPOSTA TURÍSTICA: TRILHANDO CAMINHOS POR SÃO DOMINGOS DE GOIÁS	 29
2.1 Circuito do Patrimônio Material de São Domingos	31
2.2 Patrimônio Arqueológico de São Domingos	44
2.2.1 <i>Arqueologia e Espeleologia</i>	45
2.3 Cultura Imaterial	49
2.4 Outros Festejos	59
2.5 Mitos, lendas e estórias	60
 CAPÍTULO III: SÃO DOMINGOS NO CENÁRIO CULTURAL E TURÍSTICO	 63
 CAPÍTULO IV: PROPOSTA DE UM PERCURSO	 66
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 67
REFERÊNCIAS	70
REFERÊNCIAS FOTOGRÁFICAS	73

RESUMO

Este trabalho descreve a proposta deste percurso cultural no município de São Domingos de Goiás, em que apresento o passo a passo para o desenvolvimento deste projeto. A investigação também a como se dá a relação da comunidade com o seu patrimônio, e com a cidade. Tenho como um dos objetivos desta proposta a apropriação histórica e cultural pela comunidade local. Fortalecer os marcos históricos para que o patrimônio cultural seja compreendido como parte da formação desta cidade e de sua identidade. A cultura se torna uma ferramenta de proteção e valorização de grupos, que por muitas vezes estão à mercê do esquecimento e do silenciamento por parte da administração pública. No campo museal buscar uma ponte do passado com o presente e entender os motivos do cenário em que houve um distanciamento do patrimônio com a comunidade.

Palavras-chaves: patrimônio, comunidade, identidade.

ABSTRACT

This work describes the proposal of this cultural course in the municipality of São Domingos de Goiás, where I present the step by step for the development of this project. The investigation also investigates how the relationship between the community and its heritage, and the city, is. I have as one of the objectives of this proposal the historical and cultural appropriation by the local community. Strengthen historic landmarks so that cultural heritage is understood as part of the formation of this city and its identity. Culture becomes a tool for the protection and appreciation of groups, which are often at the mercy of forgetting and silencing by the public administration. In the field of museums seek a bridge from the past to the present and understand the motives of the scenario in which there was a distancing of the heritage with the community.

Key-words: patrimony, community, identity

INTRODUÇÃO: PELOS CAMINHOS DE SÃO DOMINGOS DE GOIÁS...

A cidade de São Domingos, em um dos municípios mais antigos do Estado de Goiás ele está localizado no nordeste goiano e sua formação se deu de forma a criar narrativas próprias. Ela possui vestígios de uma arquitetura colonial, em que na maioria dos casos já se perdeu estando hoje apenas registrada em fotos e nas memórias dos mais velhos. Muitos dos casarões que ainda restaram, sofreram muitas mudanças na estética colonial. Outros sofreram ações do tempo e que acabaram virando ruínas. Nessa perspectiva, em que o patrimônio deve ser preservado em que diversas formas de costumes e ações culturais que possui um valor histórico da comunidade e de São Domingos. Todos esses processos devem ser analisados e refletidos, para buscar uma compreensão de como se deu a atual construção da identidade destas comunidades pertencentes a esse território. Uma das problemáticas deste projeto e identificar algumas questões contemporâneas em que as pesquisas e as falas locais se distanciaram um pouco do contexto histórico de São Domingos. Qual foi o marco em que a identidade local se diferenciou em relação ao seu patrimônio cultural? Como e transmitida às tradições locais as novas gerações? Essas novas gerações tem o interesse de compreender essas tradições? A comunidade participa das manifestações culturais? Quais são as referencias que interligam a comunidade com o seu patrimônio?

Propor ações de salvaguarda e apropriação dos patrimônios culturais de São Domingos e algo que está intrínseco neste projeto. Criar uma conexão entre o patrimônio histórico, natural, cultural e arqueológico do município. Buscar o diálogo com a comunidade e seus representantes, de modo a garantir que as decisões de como se deverão conduzir as ações culturais, de forma a garantir e respeitar a vontade de todos, em uma decisão horizontal. Buscar esta consciência de que a identidade local está ligada com a cultura e algo que deve ser implantado já na educação infantil. Através do meu ingresso no curso de Museologia, passei a compreender a diversidade cultural, o patrimônio, a memória e a identidade como pilares da formação de uma comunidade e de seus valores. Desta forma, o conceito de patrimônio citado por Varine (2013), que se apresenta o patrimônio como proposto de desenvolvimento local e comunitário. Coloquei como proposta inserir a educação patrimonial, pois, acho que esse processo servirá para fortalecer o discurso histórico e também a cultura popular, buscando uma parceria em que nenhum deles sofra em detrimento do outro. Nem sempre, a comunidade está de acordo com a instituição do patrimônio cultural, e para José Gonçalves (2007, p.209), o patrimônio cultural deve ser reconhecido pela sociedade local.

Trata-se daquelas situações em que determinados bens culturais, classificados por uma determinada agência do Estado como patrimônio, não chegam a encontrar respaldo ou reconhecimento junto a setores da população. [...] Nem depende exclusivamente de uma atividade consciente e deliberada de indivíduos ou grupos. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto a seu público. (GONÇALVES 2007, p. 214–215). Cabe o Estado e a sociedade saberem que eles devem respeitar a importância do outro, buscando sempre o melhor diálogo entre eles. Pois, a cultura não deve ser imposta, sabemos que por muitas vezes houve esta influência e este discurso, porém, a cultura popular nunca se deixou oprimir e sempre resistiu aos ataques aos seus costumes e referências. São Domingos ainda tem grande campo de exploração cultural e que deve ser analisado e protegido. A patrimonialização garante que a comunidade busque a conservação e a continuidade das ações culturais de ordem material e imaterial, supondo a preservação e a consciência das mesmas. A intenção de criação deste percurso cultural e provocar a discussão da cultura local numa visão museológica em que a sociedade dominicana fará parte.

METODOLOGIA

Como ferramenta para a organização do meu projeto, utilizarei como metodologia as pesquisas qualitativas, e posteriormente em um segundo momento, talvez em um mestrado, uma pesquisa aplicada. Foi feita coleta de dados através de entrevistas, pesquisa em sites de turismo, análise de documentos históricos, fotos do arquivo histórico e fotos de arquivos pessoais.

Este projeto já estava sendo ponderado a mais de dois anos, pois, venho conversando e investigando os diversos pontos de interrogação, que deram início aos questionamentos que buscarei elucidar com o aporte da metodologia empregada, com o auxílio de métodos e apoio de moradores locais, fontes e artigos referentes a São Domingos. A participação da comunidade será de suma importância, pois, será um dos suportes mais legítimos desse tema, pois, me conduziram aos lugares turísticos da cidade, revelando segredos e narrativas próprias. Também entrevistei guias turísticos e moradores que decidiram fazer da cidade de São Domingos, um refúgio. Em visita aos sites de hospedagem, analisei os relatos dos hóspedes como forma de avaliar a satisfação dos visitantes, e, a partir dessa ação, construí um quadro cujos dados coletados possibilitaram vislumbrar o grau de satisfação por visitarem São Domingos de Goiás. Após essa avaliação com os turistas, realizei uma breve entrevista com alguns moradores locais (idade, classe social e nível de instrução), que serviu

como base para uma análise de suas falas e dos turistas. Esse processo revelou quais os pontos fracos e fortes do município de São Domingos, no circuito do patrimônio cultural, natural e turístico, podendo assim responder a problemática que é trabalhada na minha monografia. A realização de diagnósticos e as pesquisas foram bastante relevantes para concretização do meu projeto, de forma a embasa ou não as minhas indagações. Porém, já me sinto realizada só em propor conhecer e analisar algo que me emociona.

CAPÍTULO I: SÃO DOMINGOS DE GOIÁS - UMA HISTÓRIA A SER CONTADA.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o povoamento deste município originou-se, entre os sec. XVII e o sec. XVIII. São Domingos é um dos núcleos urbanos mais antigos do Estado de Goiás. Há 2 km da atual sede a margem do rio, foi construído “Arraial Velho”, o antigo nome da cidade, que do qual só restam apenas alguns vestígios submersos dentro do lago do Rio São Domingos, hoje um dos pontos turístico da cidade. Existem relatos de pouso dos vaqueiros que cuidavam dos animais dos fazendeiros que tinham engenhos de cana-de-açúcar em Minas Gerais, e que tinha na criação de gado algo para colaborar na lida das grandes fazendas e na alimentação dos seus moradores. Os vaqueiros que eram muitas das vezes mamelucos (miscigenação de indígenas e europeus) construíam lugares para se estabelecerem ao longo de grandes rios e de pastagens, e com o passar do tempo foram surgindo pequenos lugarejos. A busca de pastagem nesta região ocorria no período da seca que ia do mês de maio ao mês de setembro, então estes relatos existem desde 1750, mais em meados de 1821, estabeleceram-se nesse arraial dois irmãos portugueses da família Valente, que eram muito influentes em Salvador na Bahia. Eles vieram em busca de ouro, trazendo uma imagem de São Domingos Gusmão, santo da igreja católica, que deu o nome a cidade e ao principal rio que corta o município.

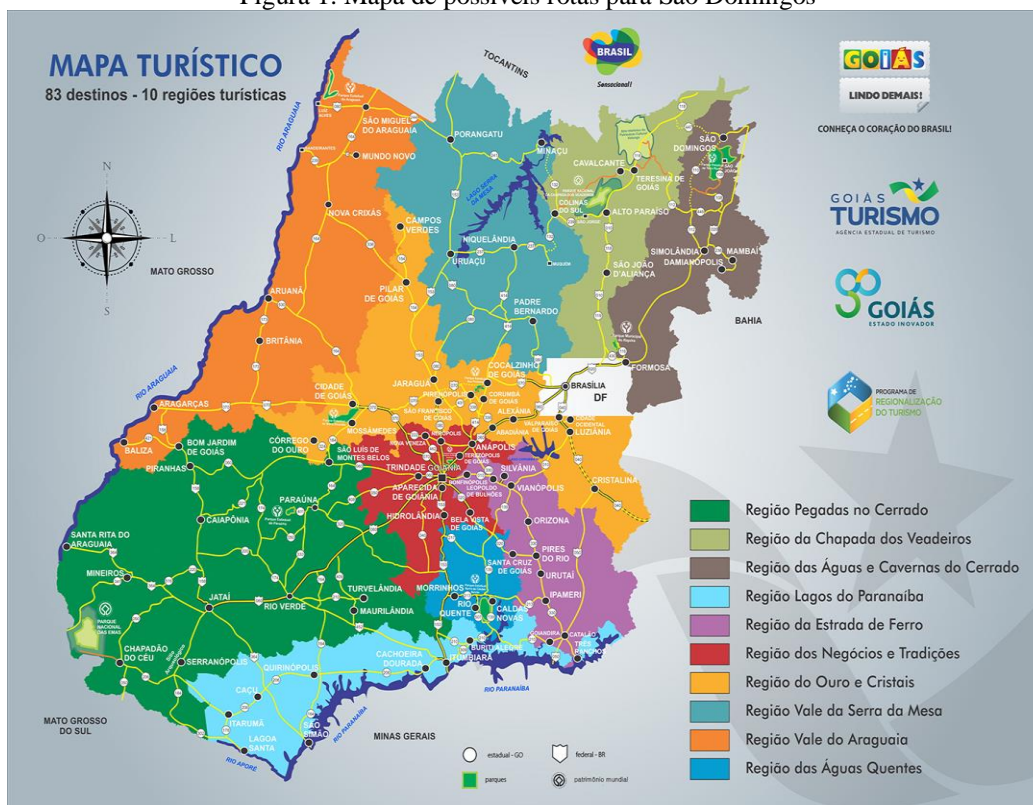
São Domingos Gusmão, filho de Joana de Aza e Félix Gusmão, nascido no Reino de Castela, no dia 24 de junho de 1170, era um jovem estudado de família de nobres, mas que foi capaz de vender seus pergaminhos de estudos que eram muito valiosos na época, para ajudar a construir um mosteiro para mulheres em estado de risco ou vulnerabilidade. Ele praticava a mendicância como para mostrar o verdadeiro evangelho. Ele ajudava os mais pobres e necessitados e não tinha medo de evangelizar aos povos pagãos. Sua maneira de viver era seu maior testemunho de Cristo. Este padre foi um homem de muita oração e penitência que pregava a simplicidade e o amor, juntamente com São Francisco de Assis, que eram totalmente desapegados aos bens materiais. Em 1203 ele é consagrado a frade e assim inicia-se o seu ministério de missionário no sul francês. Em 1215 ele funda a ordem dos Pregadores e no dia 8 de agosto de 1221 morre na cidade de Bolonha aos 51 anos e é canonizado. Sua trajetória de vida foi uma das mais belas do catolicismo.

São Domingos, originalmente pertencente ao município de Arraias, elevou-se a condição de Distrito em 23 de julho de 1835 e, 19 anos depois, o Distrito desmembra-se de Arraias, tornando-se Município, pela Provincial nº 13, de 14 de outubro de 1854, instalando-se em 30 de abril de 1855. Ficou esta data 9 como reconhecimento Dona Joaquina Pinheiro por sua dedicação

e atenção às causas da Igreja Católica, por ocasião de sua morte, ocorrida no dia 21 de outubro de 1936, ela mereceu uma página inteira no livro de crônicas da igreja, relatando sua biografia. Foi sepultada no interior da matriz de São Domingos que, como relatado anteriormente, ela ajudou a reconstruir, designada como o oficial para se comemorar o aniversário de fundação de São Domingos (PINHEIRO, 1940 e IBGE, 1958).

Com a suposta decadência da mineração na região, por falta de equipamentos para extração dos minérios, os primeiros colonizadores passaram a dedicar-se à pecuária, construindo no local uma capela consagrada ao padroeiro da cidade. A capela foi inaugurada pela família Valente, intensificando a chegada de novos moradores, fortalecendo e estruturando o povoado que passou a chamar-se São Domingos de Goiás, em homenagem ao Santo padroeiro da cidade. Assim o povoado de São Domingos alcançou em poucos anos, expressividade e desenvolvimento, passando a ser tornar um distrito (vila), pela Lei Provincial nº 14, de 23 de julho de 1835, pertencente ao Município de Arraias, que após a criação do estado do Tocantins, em 1º de Janeiro de 1989, dividindo assim o estado de Goiás, onde Arraias se torna uma das cidades do estado de Tocantins recém-criado e o município de São Domingos continua a fazer parte do Estado de Goiás.

Figura 1: Mapa de possíveis rotas para São Domingos



Fonte: <http://www.goiasturismo.go.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/Mapa-Regionalizacao-2017.jpg>.

Já na tradição oral, os dois irmãos Domingos e José Valente vindos de Salvador-Bahia em busca de ouro, trouxeram a imagem de São Domingos Gusmão. Essa imagem foi trazida por uma escrava no lombo de um muar (mula) e que recebeu sua carta de alforria para pagamento por sua coragem e dedicação, pois, era um percurso muito difícil e que exigia muito cuidado e delicadeza. Porém, existem documentos de pesquisas que dizem ao contrário dessa narrativa. Em que esse território já era utilizado por criadores de gado, que traziam seus animais para a campina, em busca de pastagem nos tempos de seca no sistema São Francisco. Era comum essa comitiva ficar até cinco meses com o gado nas campinas da Bahia e nas veredas de Goiás. Havia naquela época várias comitivas de gado que vindas de Minas Gerais, que traziam seus rebanhos para pastar nas veredas de Goiás, então fica entendido que antes dos dois irmãos Valentes chegarem a São Domingos, essas terras já eram frequentadas por outros povos e outras narrativas. Le Goff (1994, p.109) mostra mais uma vez que o valor da história Oral e de como se deve fazer a História Social:

Faço também notar que a reflexão histórica se aplica hoje à ausência de documentos, aos silêncios da história. Michel de Certeau analisou com sutileza os “desvios” do historiador para as “zonas silenciosas” (...) “a feitiçaria, a loucura, a festa (...)”. Falar dos silêncios da historiografia tradicional não basta; penso que é preciso ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as lacunas interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. “Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos”.

São Domingos também foi uma rota para os escravos, que ia para o quilombo Calunga, e também para a fazenda Quilombo, que também foi um refúgio formando assim um lugar de refúgio e que hoje é um sítio arqueológico registrado pelo IPHAN. Após esse período em que muitos desses negros se fixaram nestes lugares, apropriando do seu território. Neste caso há relatos de que esses negros pegaram as “índias no laço” e com isso surgiu os índios Kalunga, pela miscigenação de negros e índios que habitavam a mesma região. Está história era contada com orgulho silenciando o crime de estupro que estava por trás desses relatos. Minha bisavó foi pega no laço, sempre vi essa história como algo que fortalecia a minha identidade, mas, nunca havia pensado em como essa prática era cruel.

Os registros históricos e arqueológicos nos deixam claro que essa região já era habitada a milhares de anos atrás por homens e animais pré-históricos. Na gruta da Angélica foi encontrado um esqueleto de um mamífero da megafauna, que foi parar no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Porém, os vestígios encontrados também revela que este lugar já tinha sido

habitado por homens pré-históricos. Existem também estudos que comprovam a existência de povos indígenas da etnia Akroá e Tupiguarani na região. Tem vestígios de urnas indígenas encontradas nas encostas da Serra Geral.

Atualmente com cerca de dezessete mil habitantes, São Domingos foi mais um dos povoados que se formou com a busca do ouro e que também teve sua decadência com o fim do ciclo da mineração. Os padres jesuítas também contribuíram com a formação do povoado, construindo a primeira escola e em 1937 constroem o seminário da cidade. Segundo relatos de um dos membros da Associação Cultural e Social e também da Associação Terra da Gente, (está ultima mais voltada para a questão ambiental) para que o seminário fosse construído na cidade foi proposto que a cidade que doasse mais para a igreja e tivesse mais estrutura receberia o primeiro seminário e assim se procedeu após a proposta feita, então a família dos Pinheiros, dona Joaquina Pinheiro e Jacinto Pinheiro se empenharam para buscar doações junto aos fieis e eles mesmos doaram um sobrado e a área do terreno para a igreja e com isso ganhou a disputa. Muitas pessoas influentes se formaram neste seminário. São Domingos já foi um dos principais polos culturais do nordeste goiano e conhecida internacionalmente pelas grutas e cavernas, a região guarda encanto que atraem turistas do mundo inteiro. Destacam-se as grutas de Terra Ronca e Angélica, consideradas entre as maiores para que os aventureiros de plantão desvendem os mistérios guardados nas encostas da majestosa Serra Geral.

Outro tesouro da região é o rio São Domingos, que tem sua nascente no pé da Serra Geral, e que aos poucos se torna um grande rio. Uns dos principais afluentes do Rio Paranã, suas águas cristalinas em que por vezes é possível visualizar o fundo leito. Sua água tem uma temperatura agradável e muitas praias. O rio também é fonte de renda e sustento de seus ribeirinhos, pois, a pescar e a irrigação ajuda na dieta alimentar dos moradores. Por causa do rio também ocorre à pesca esportiva, aonde vem pescadores de várias regiões em busca de grandes espécies de peixes. Esses pescadores vão todos equipados, sobem e descem o rio, mudando o cenário calmo e pacato da região.

1.1 Economia, política e turismo.

Existem dados de que a pecuária precedeu a mineração na região de Arraial do Velho aos pés da Serra Geral. Em sua formação São Domingos se deu pela busca do ouro no oeste do Brasil, onde se procurava novas fontes de recursos para o Império. Após a decaimento do ouro restou aos moradores ingressarem na agropecuária. Com o fim da

mineração de ouro e a diminuição da quantidade de escravos na região foi criado o trabalho do posseiro e o modelo de meeiro. Como a região possuía alguns lugares de solo muito fértil e muitos recursos naturais, ocorreu o desenvolvimento da agropecuária na província com imensas propriedades rurais e com a presença de posseiros nas áreas mais isoladas da Serra Geral, com a agricultura de subsistência com a plantação do milho, arroz, feijão, cana, etc. A Capitania foi simplesmente esquecida suas estradas foram sendo ocupadas pelos matos e se tornando trieiros ou desapareciam completamente. Sendo nos dias atuais sua principal atividade econômica.

Pelo ponto de vista da economia, a região era considerada o “corredor da miséria” do Estado de Goiás, pois, os municípios que a compõem apresentavam os menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado. Os dados envolvem a economia, a saúde, o saneamento, a infraestrutura dos municípios. Tem muitos dados que demonstra essa condição dos municípios do nordeste goiano, em um artigo no Jornal Vetor, do jornalista João Beltrão Filho (2010).

O Nordeste Goiano está localizado na divisa com os estados da Bahia e do Tocantins, se apresenta de forma homogenia, todos os seus municípios comungam dos mesmos males e sua população sofre com a falta de investimentos e de políticas sustentáveis que busquem de forma definitiva minorar as asperezas da vida deste sofrido e altivo povo, o que lhe valeu o incômodo e infeliz pseudônimo de “Corredor da miséria”. (BELTRÃO, 2010).

A falta de investimentos públicos nesta região trouxe atraso econômico para a cidade e também um abandono por parte do poder público. O desenvolvimento naquela região começou na administração do Governador Mauro Borges, no início da década de 60. Porém, com o novo governo simplesmente abandonou todos os projetos da região, deixando mais uma vez a região desamparada. O nordeste goiano tinha representantes na política, mas, no momento não investiguei o porquê destes políticos não conseguirem trazer benefícios efetivos para esses municípios. “Por outro lado, essa região posiciona-se hoje como uma das que guardam as maiores riquezas naturais do estado de Goiás, fato que lhe consagrou o título, pela UNESCO, de Reserva da Biosfera de Goyas”, essa é uma análise de Giselia Lima em seu artigo (2004), em que a riqueza natural não caminha junto com a riqueza econômica. Em uma pesquisa mais apurada percebemos que parte dos problemas atribuídos à região é real, comprovada por órgãos de pesquisas como o IBGE e a SEPLAN-GO, assim como, por estudiosos como BENVINDO (1972), BARREIRA (1997), entre outros (apud CARVALHO, 2004 p.2). Outra análise é em relação ao assistencialismo na região em que não oferece condições reais de desenvolvimento, fazendo com que a população fique em situação de

vulnerabilidade e nas mãos do poder administrativo. Os moradores se tornam dependentes, para que essa situação se transforme Giselia sugere que:

‘o caminho para o desenvolvimento da região parte da sua comunidade, assegurando seus interesses. O Estado deve levar em conta, na elaboração de seus projetos e programas, a capacidade de produção dessa população e, acima de tudo, respeitar a diversidade e a riqueza contida na região, não a usando de forma especulativa (CARVALHO, 2003, p. 157).’

Há alguns anos a falta de oportunidade dos moradores em relação à demanda de empregos na região, fazia com que os moradores aceitassem formas de trabalho exploratórias e mal remuneradas, isso era algo extremamente comum na região, às pessoas trabalhavam por menos de oitenta reais na época o valor do salário mínimo em 2002 era de R\$ 240,00.

Hoje em dia por causa da grande expansão da agroindústria do Estado da Bahia, onde os dominicanos vão trabalhar, pois, aumentou a oferta de emprego para trabalhar nas grandes plantações de cereais. São Domingos é rico em reservas minerais que são fontes de renda para a população: mineração de jazidas de calcário, fileto, diamante, ouro, cassiterita, areia e cascalho. Existem alguns lugares de extração legalizados, porém, têm pontos de mineração de ouro e cascalho ilegal.

O município também foi um exportador de madeira de lei, como o Cedro, Aroeira, Tamboril, Sucupira, Braúna, Bálsamo, Angelim, Ipê Amarelo, Vinhático, etc. São Domingos contava com alguns profissionais que tentam manter suas tradições e saberes até agora, exemplo disso são os carpinteiros que tinham suas práticas especiais em fazer telhados e forjar janelas e portas com entalhes perfeitos e delicados feitos à mão, que em muitas edificações permanecem até hoje. A arte de esculpir na madeira tem sido transmitida de pai para filho, mesmo que sofrendo algumas alterações para satisfazer o mercado. Até agora muitas das obras que foram entalhadas há muito tempo são alvos de admiração. Estes profissionais eram requisitados por grandes fazendeiros, pois, os pobres não tinham como pagar um trabalho que na época era muito caro. Apesar de hoje esses profissionais se aterem muitas das vezes a fabricação de moveis, currais e telhados, suas obras de arte ainda estão lá, como testemunho de sua arte. Outra tradição também é da fabricação de moveis feitos de bambu, que também é uma tradição que é passada de pai para filho. Mas que não teve grandes transformações sendo praticamente as mesmas técnicas.

O município também é produtor de farinha e polvilho que é um produto que vem da mandioca e muito utilizado para fazer beiju, biscoitos e bolos, que está na base alimentar da região e que também teve influência dos indígenas. Muitas são as receitas da culinária

dominicana, são um povo que gosta de servir e de fartura. Sempre estão com uma bolachinha de nata ou um delicioso beiju. Uma de suas especiarias são os conhecidos beijos de massa, ele é feito da mandioca ralada crua. Tem um sabor diferenciado do beiju feito do polvilho. Porém, ele é de temporada, pois, costuma se o fazes quando se está fazendo a farinha. Todo o pessoal fica a espera do beiju de massa. Outro produto que também faz parte da cultura local e o doce do buriti em que sua produção é manufaturada, em que se coloca o fruto do buriti de molho depois rapa a casca, após essa etapa raspa-se a carne do buriti. Coloca a massa do buriti com açúcar ou rapadura em um tacho colocando água de acordo com a necessidade. Este processo pode demorar um pouco. O doce de buriti e muito apreciado, o buriti também pode virar sorvete, picolé e pode ser consumido puro também, ele é muito rico em vitaminas, o que contribui com a alimentação das comunidades locais. Também a produção de rapadura é uma tradição na região, onde na época da seca na região ocorrem as oficinas de engenho para fazer a rapadura e o tijolo, que é um doce feito do melado da cana-de-açúcar com outro produto da região como coco-ralado, gergelim, amendoim, mamão ou até mesmo massa de mandioca com iguarias como canela e cravo. Outro produto que também é muito admirado pelos turistas é o queijo local e o requeijão, pois, dizem que estes produtos têm um sabor original, pois, os produtores fazem o queijo seguindo os mesmos modos de produção de antigamente, então quando se consegue achar o queijo e o requeijão para comprar é praticamente um milagre. Por vezes deve-se encomendar antecipadamente. Porém, são poucos produtores que mantêm a produção de requeijão devido ao processo, que é bastante minucioso.

São Domingos foi o primeiro município goiano a ter uma hidrelétrica no Estado de Goiás, está hidrelétrica foi construída por um padre segundo o inventário do município. Também e o principal fornecedor de energia elétrica, possuindo três barragens hidrelétricas, mas apenas duas em funcionamento que garante o abastecimento de alguns municípios do nordeste goiano.

Figura 2: UHE de São Domingos



Fonte: http://www.intertechne.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DSC_0048.jpg.

Figura 3: PCH São Domingos II



Fonte: https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTkUrAuWytpjsLfq6NRw2Z8IJXCtldYmqFf7Ejpn16_81JUmZr1Ug

Com o crescimento do agronegócio no Estado da Bahia, tem ocasionado alguns danos ambientais irreparáveis, com uso indiscriminado dos agrotóxicos e os desmatamentos desordenados na região da campina, isso tem prejudicado os lençóis freáticos e também os entulhos jogados pelas encostas da Serra Geral de Goiás.

Figura 4: Erosão da encosta da Serra Geral



Fonte: <http://www.blogantoniocarlos.com>.

A falta de fiscalização tem deixado a desejar em relação à preservação ambiental, sendo o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA) o responsável por garantir que as plantações na campina não degrade a Serra Geral, o Parque Estadual Terra Ronca e a Reserva Extrativista das Araras. O patrimônio natural não possui uma legislação própria como o patrimônio cultural, mas conta com o Art. 225 da Constituição Federal de 1988, que diz, que:

“todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

§ 1º Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao poder público:

I - preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais e prover o manejo ecológico das espécies e ecossistemas;

II - preservar a diversidade e a integridade do patrimônio genético do País e fiscalizar as entidades dedicadas à pesquisa e manipulação de material genético;

III - definir, em todas as unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos, sendo a alteração e a supressão permitidas somente através de lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua proteção;

IV - exigir, na forma da lei, para instalação de obra ou atividade potencialmente causadora de significativa degradação do meio ambiente, estudo prévio de impacto ambiental, a que se dará publicidade;

V - controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente;

VI - promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente;

VII - proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais à crueldade.

§ 2º Aquele que explorar recursos minerais fica obrigado a recuperar o meio ambiente degradado, de acordo com solução técnica exigida pelo órgão público competente, na forma da lei.

§ 3º As condutas e atividades consideradas lesivas ao meio ambiente sujeitarão os infratores, pessoas físicas ou jurídicas, a sanções penais e administrativas, independentemente da obrigação de reparar os danos causados.

§ 4º A Floresta Amazônica brasileira, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, o Pantanal Mato-Grossense e a Zona Costeira são patrimônio nacional, e sua utilização far-se-á, na forma da lei, dentro de condições que assegurem a preservação do meio ambiente, inclusive quanto ao uso dos recursos naturais.

§ 5º São indisponíveis as terras devolutas ou arrecadadas pelos Estados, por ações discriminatórias, necessárias à proteção dos ecossistemas naturais.

§ 6º As usinas que operem com reator nuclear deverão ter sua localização definida em lei federal, sem o que não poderão ser instaladas”.

O patrimônio natural abrange áreas ambientais que também fazem parte da formação de identidade de grupos, onde estes mesmo veem a preservação ambiental para proteger o meio ambiente e suas tradições. A educação ambiental e patrimonial tem importância preservacionista, material e histórica que deve ser introduzida desde cedo nas escolas e contar com o apoio dos moradores. Buscar formas para conscientizar às novas gerações, com o intuito de manter o equilíbrio entre o ser humano e a natureza. A humanidade deve buscar balancear as suas necessidades de sobrevivência com a proteção do meio-ambiente provocando o mínimo impacto possível. O poder público deve ter em suas políticas públicas ações de educação, proteção e preservação, para que não sofram as consequências da negligência de nossas ações, sabendo que temos a responsabilidade tanto quanto com a produção econômica quanto com a proteção ambiental, para garantir as futuras gerações o contato com essa exuberante natureza. O dever de garantir a preservação da natureza é da geração contemporânea. Segundo VON MARTIUS:

“Quanto mais o homem escapa e sobrepõe-se à natureza de si próprio e do ecossistema em que vive, mais condenado fica a reencontrar-se — a si e ao seu ambiente. Nessa terrível dicotomia há de gerar-se o novo Sísifo do terceiro milênio, o homem não natural que buscará sofregamente a natureza”.

A política em São Domingos segundo MARTINS (2008 p.30) vem sendo construída desde D. Pedro II, que nomeia Jacinto Pinheiro a tenente-coronel da guarda imperial. Ano após ano a família Pinheiro dominava a política da região, juntando mais tarde

a família Chaves que passaram a ser da mesma linhagem. Colocando mais tarde também no cenário político dominicano a Família dos Valentes.

Verificamos a influência dos descendentes dos fundadores em toda a trajetória histórica do município. Inicialmente ele foi administrado por quatro intendentes: José Leal, Domingos Santa Cruz, Virgílio Gondinho e Domingos Jacinto Pinheiro, antes de ter o direito de eleger seu primeiro prefeito. Este último governou por 25 anos, período compreendido entre 1915 e 1940, tendo sido também o primeiro prefeito de São Domingos, cargo que exerceu entre 1940, quando foi eleito, e o ano de 1946. Somados aos anos de intendente, esse político comandou a política dominicana por 31 anos consecutivos (PINHEIRO, 1940 e IBGE, 1958).

Figura 5: Família Pinheiro



Fonte:

<http://3.bp.blogspot.com/nJkL366bvM/Vh5bhBWNsdI/AAAAAAAAAMzc/Z8GiJuOcaGg/s1600/familiapinheiro1945.jpg>.

São Domingos que tem hoje como sua data de comemoração de seu aniversário 14 de outubro de 1854, que conta hoje com uma área de 3.295,740 km², pois, durante estes últimos anos tiveram a maior parte de seu território dividido com a desculpa de desenvolver a região.

No cenário político contemporâneo de São Domingos tem sido palco de muitas disputas e impugnações onde houve muitos prejuízos para o município, tanto na economia como no patrimônio, pois, os projetos para o turismo e os investimentos sociais foram impedidos pela falta de administração pública e fomento para as ações culturais, deixando o município em total abandono. Então a região ficou prejudicada com a falta de recursos para

manutenção mínima das secretárias responsáveis pela cultura, educação e meio-ambiente. A falta de investimentos nesta área prejudicou muito o Turismo, pois, muitos profissionais do turismo direto ou indireto foram atingidos pela falta de divulgação, infraestrutura e pela desmotivação da comunidade local em proteger as práticas culturais e sua cultura material. Os danos ao turismo do município foram muitos. Apesar dessa crise que o município tem enfrentado os turistas não deixaram de frequentar a cidade. Apenas a infraestrutura e a comodidade oferecida ao turista e que tem deixado a desejar.

São Domingos necessita de um plano de turismo e recursos financeiros para garantir ao município qualidade no atendimento aos moradores em locais e aos turistas, quanto os equipamentos sociais, conforto e segurança. Pois, com o turismo o município pode aumentar sua receita e com isso investir mais no desenvolvimento da cidade e de seus moradores. Faz parte deste processo o estudo dos impactos que poderão ocorrer nesta região tanto os positivos quanto os negativos, tudo deve ser produzido através de diretrizes ambientais, sociais e culturais para que o desenvolvimento da região seja positivo. Estas disputas têm trazido grandes prejuízos para a cultura de São Domingos. Segundo GUIDON (1997, p.295), “a relação entre patrimônio natural e patrimônio cultural é estreita, é uma interação”. E quando ocorre um detrimento ao meio ambiente a cultura também acaba sendo afetada, por isso deve se pensar em educação patrimonial e ambiental às duas neste caso específico devem andar juntas.

Em São Domingos, falta investimento para investir no desenvolvimento e na infraestrutura do município, para que ele possa receber as demandas dos diversos grupos de turistas que frequenta ou queira conhecer São Domingos. A cidade não tem nenhum posto dos bombeiros para eventuais emergências que possam ocorrer. Se tiver alguma ocorrência tem que vir o destacamento dos bombeiros do município de Posse. O mínimo para garantir a segurança dos moradores e dos visitantes seria que tivesse um posto dos bombeiros na cidade. Pois, é de obrigação da administração pública fornecer equipamentos sociais.

1.2 Parque Estadual de Terra Ronca

O Parque Estadual de Terra Ronca o (PETeR), foi criado para garantir a preservação e proteção deste bioma cerrado e das riquezas espeleológicas, que tem como sua maioria o cerrado. O PETeR é um santuário de diversas espécies, sua criação se deu, em 7 de julho de 1989, pela Lei n.º 10,879, definiu áreas e limites para conter o desmatamento

para criação de gado, promovendo assim um equilíbrio, com uma área de 57.000 ha . (AGÊNCIA AMBIENTAL DE GOIÁS, 2006).

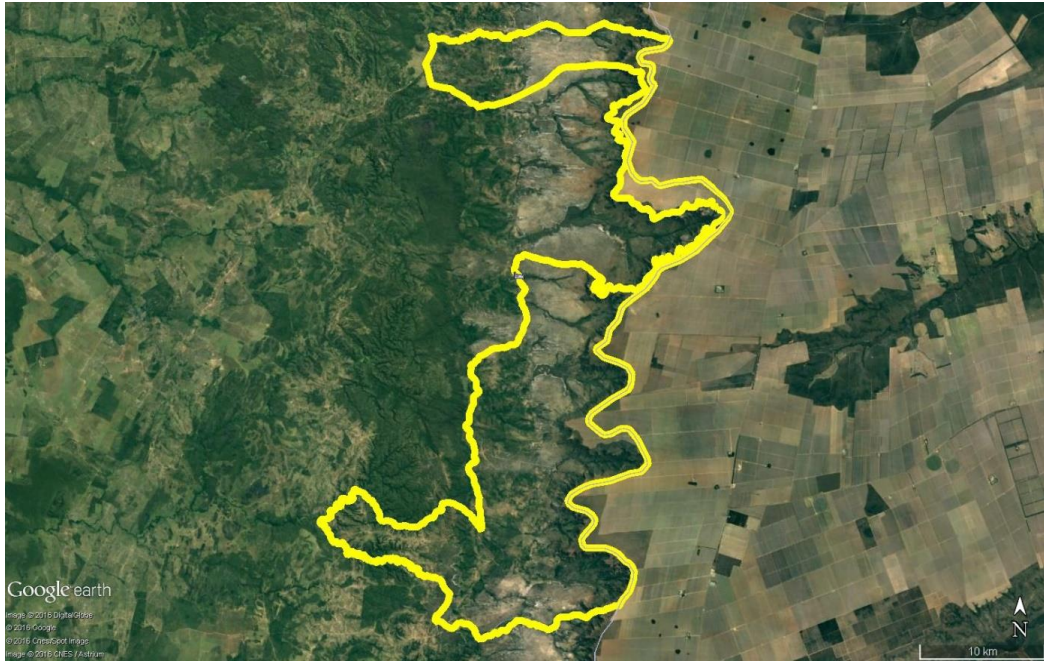
Figura 7: Entrada do Parque Estadual de Terra Ronca no município de São Domingos.



Fonte: <http://mochileiro.tur.br/go-sao-domingos-parque-estadual-terra-ronca.jpg/>

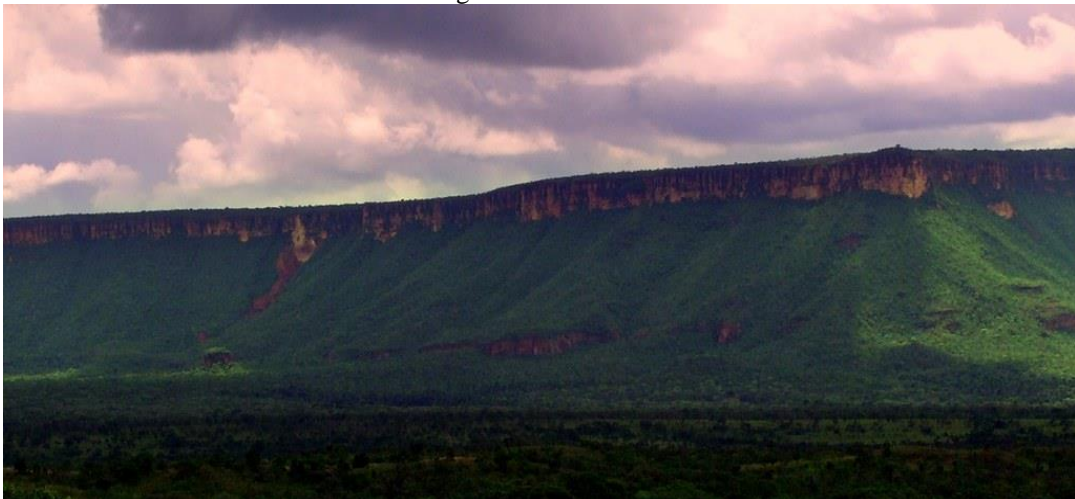
Em torno do município de São Domingos foi criada a Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra Geral, que também foi criada com o objetivo de garantir a preservação e educação ambiental da região, por monitoramento e que tem como estância estadual, a Agência Goiana de Meio Ambiente e Recursos Naturais como instrumentos do estado para fiscalização. Consequentemente, houve certa rejeição por parte dos moradores que pensaram que o número de visitantes diminuiu. Pois, a Serra Geral está protegida por decreto 4.700/96 como Unidade de Conservação — UC, desde 16/04/1996 a APA da Serra Geral de Goiás, e criado para proteção das encostas da Serra Geral, que constitui patrimônio paisagístico por sua excepcional beleza, por suas espécies da fauna e flora que estão em extinção, muitas nascentes de rios que são importantes da bacia do Tocantins.

Figura 8: foto de Satélite da área da Serra Geral



Fonte: <http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2017-02/imagem-da-apa-serra-geral-de-goias1.jpg>

Figura 9: Serra Geral de Goiás



Fonte: Foto de A. Duarte

Existe certo ressentimento por parte dos moradores do PETeR, pois, o governo propôs a desapropriação e o pagamento das indenizações aos posseiros e fazendeiros da região do Parque. Porém, alguns moradores saíram e até atualmente não receberam nenhum valor referente à indenização das áreas desapropriadas, somente os fazendeiros ricos e que receberam valores e receberam segundo os moradores indenizações superfaturadas. Foi uma negociação totalmente inescrupulosa e injusta, que trouxe certo repúdio da população dominicana, esses relatos ocorrem com frequência, pois, ficou marcado a corrupção e a deslealdade. Esse sentimento ficou na população, fazendo com que parte da população visse a criação do Parque com o propósito de retirar os posseiros e beneficiar os fazendeiros. Esse processo foi muito traumático, pois, com a saída de seus lugares muitos desses posseiros que

tinham suas casas simples, mas eram suas não precisavam pagar aluguel, água e energia, e mudando para cidade passaram a ter despesas que antes não tinham, deixando eles em situação de quase mendicância na cidade.

Eles contavam com as indenizações para comprarem outro pedacinho de chão para continuarem suas vidas. Eles viviam de forma sustentável, produziam seus próprios alimentos, plantavam e criavam, não eram ricos, mas tinham fartura em casa e na região ninguém passava necessidade sempre tinham como remediar com uma galinha, com os ovos, os queijos, hortaliças e legumes que vendiam na cidade. Com isso havia um fluxo de dinheiro mesmo que pequeno com essa produção desses pequenos agricultores, que tinham em suas propriedades frutas e animais típicos da região. Eles também preservavam mesmo sem saber, espécies e qualidades de produtos que existiam apenas nesta região. Ouve um impacto na cultura local com essa nova situação vivenciada por alguns posseiros.

Deve ser feito um projeto específico para de alguma forma tentar reparar os danos econômicos e emocionais desses ex-moradores de Terra Ronca.

CAPITULO II: UMA PROPOSTA TURÍSTICA: TRILHANDO CAMINHOS POR SÃO DOMINGOS DE GOIÁS.

O patrimônio cultural é produto ou manifestação das relações humanas. Falar de patrimônio cultural e falar de coletividade, identidade, territórios e de desenvolvimento social, refletirmos que existe uma cultura em que mostra o desenvolvimento e a distinção de um grupo social em uma determinada época e contexto, e uma cultura que enfoca os elementos culturais imateriais ou materiais, que traz melhoria e desenvolvimento para a comunidade. Fazer a comunidade reconhecer o seu próprio patrimônio e um desafio que encontrei neste projeto, não um patrimônio forjado, mas a cultura local, mesmo que essa cultura tenha conflitos e disputas, exclusões e esquecimentos, transformações e apropriações, isso é natural o que é preciso é fortalecer essa cultura valorizando. Buscando uma ligação com a memória e o coletivo da comunidade. Na literatura brasileira o Patrimônio se confunde com propriedade, com algo que se acumule e retém que é passada para os descendentes de uma pessoa. Segundo POULOT (2008) “o patrimônio [...] faz parte de uma longa tradição, a do colecionismo, e o saber do patrimônio é sempre um saber dos lugares, principalmente dos ‘lugares de passagem’ das obras”. Os seus saberes e fazeres são os seus tesouros, desde o financeiro até o identitário e algo que os liga e que os diferencia dos outros, e esses saberes devem ser transmitidos e preservados. Com a ampliação do sentimento de pertencimento e com a melhoria das condições sociais o patrimônio traz algo de tradição, de representatividade e de construção de identidade que enriquece a nossa sociedade tão carente de reconhecimento e justiça social.

O patrimônio cultural seja ele material ou imaterial é importante em uma comunidade, desde que ela o reconheça como seu. Ela pode até se apropriar e modificar, mas este desejo deve ser da comunidade. As ações podem ser propostas, mas cabe respeitar o interesse e a motivação, cito para demonstrar a necessidade de trazer a comunidade ao centro do reconhecimento e formação do patrimônio um trecho de um pré-projeto “CHÁ COM MEMÓRIAS”.

Mostrarmos que todos nós temos nossas referências culturais, memórias, histórias e saberes que, para nós, é muito importante mesmo não sendo legitimado em um museu; mas que por meio dos processos museológicos e a intencionalidade de se trazer à frente aquilo que nos constitui, o que nos torna o que nós somos. (SOUZA, BARBOSA, SANTOS, 2019).

Buscar a identidade muitas vezes perdida, por vários motivos ou não, pois a comunidade também tem o direito de decidir sobre suas ações culturais. É resgatar a memória da criação de alguns usos e costumes. Reconhecer a contribuição de todas as classes sociais envolvidas neste processo de formação de identidade local. Em determinados momentos fui questionada pelo interesse em trabalhar com o patrimônio de São Domingos, mas não por acharem algo importante e sim por acharem algo totalmente irrelevante e desnecessário.

Isso me fez lembrar o filme “Narradores de Javé”, lançado em 2003, com a direção de Eliane Caffé, foi um longa-metragem de tragicomédia. Esse filme falou de forma lúdica sobre um desafio que muitos municípios pequenos enfrentam diante de empresas e do Estado que não respeita a sua narrativa seus desejos e que atropelam sem nenhum remorso seus patrimônios culturais. Eles destroem a cultura local e muita das vezes únicas, temos que analisar como o prejuízo cultural está sendo colocado a essas comunidades. São Domingos passou por esse processo, de não reconhecer o seu patrimônio cultural seja ele material ou imaterial. Quando uma determinada comunidade local não reconhece sua história ele fica vulnerável as ações que podem trazer grandes prejuízos à comunidade, cabendo ao poder público propor ações de atividades de fortalecimento dessas culturas inexpressivas. O poder público às vezes se isenta dessa obrigação de proteger o patrimônio de todos, e não só o da elite ou das autoridades, eles querem nos fazer acreditar que as nossas narrativas não têm valor e que, porém, não o reconheça como tal, um patrimônio. Essa é uma das problemáticas também vivenciadas por São Domingos que também teve uma parte da cidade inundada para a construção de uma barragem hidrelétrica. O antigo cemitério hoje um cemitério submerso que também atrai muitos curiosos, a cidade teve uma parte da sua história perdida com a inundação, para criar a hidrelétrica. Não reconhecer o valor de sua história é algo muito recorrente na maioria das pequenas comunidades, e quando há um reconhecimento muitas das vezes é algo imposto que vem de cima, sem a participação da comunidade local.

Segundo o site do Instituto do Patrimônio Histórico Cultural — IPHAN, o conceito de patrimônio vai muito além de bens que estão tombados ou registrados. No Decreto-lei n.º 25, 30 de novembro de 1937, que diz que:

Art. 1º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e **imóveis existentes no país e cuja conserva o seja de interesse público, quer por sua** vincula o a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

Já na Constituição Federal de 1988, com o artigo 216, amplia as formas de se nomear o patrimônio cultural substituindo a nomenclatura Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Esta nova mudança traz em cena as produções de bens imateriais:

Art. 216. "Constitui patrimônio cultural brasileiro os" bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos."

2.1 Circuito do Patrimônio Material de São Domingos

A proposta de construção de um Circuito do Patrimônio Material de São Domingos de Goiás teve como inspiração as discussões sobre Paisagem Cultural e sua importância para a proteção e valorização das riquezas culturais e belezas naturais únicas que existem no território brasileiro. Segundo a publicação do IPHAN, Paisagem Cultural, é dever dos brasileiros proteger a riqueza e a diversidade desse patrimônio. A chancela da Paisagem Cultural é um instrumento criado para promover a preservação ampla e territorial de porções singulares do Brasil.

A chancela da Paisagem Cultural é o mais novo instrumento de preservação do patrimônio cultural brasileiro, lançado em 2009 pelo Iphan. Conforme a Portaria Iphan nº 127/2009, que regulamenta essa chancela, Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores.

Considerando os pressupostos acima, me propus a elaborar um Circuito para visitação dos locais que possuem papel relevante nas memórias dos habitantes de São Domingos de Goiás.

São Domingos é um município que aglomera o patrimônio natural, histórico e cultural em que a comunidade se relaciona de forma integrada, garantindo assim uma situação única em que a participação e a dinâmica local se tornam algo de muita sincronia e diversidade. A participação das atividades da cultura popular é um momento único de São Domingos, a um aumento significativo de visitantes, onde a cidade passa a receber quase o dobro de moradores. O relatório de pedido de tombamento do patrimônio histórico, natural, cultural e a paisagem cultural, este pedido foi feito pelo representante do IPHAN, CARLOS FERNANDO (2010).

Um sítio que reúne, de forma conjunta e integrada, elementos naturais e culturais, pode ser comparado a um tecido altamente diversificado, uma urdidura formada pelos valores fixos e permanentes, cuja trama vai se configurando em decorrência de relações dinâmicas que são as atividades nele desenvolvidas e os usos que lhe são conferidos. Cada fio desta teia assume diferente importância e, ao entrecruzar com outro, vai-se reforçando o tecido, cada valor acentuando outro. Esses valores constituem o legado do meio físico, biológico e humano. Advindos do passado, são preservados no presente para maior enriquecimento do futuro. Quanto mais valores existirem e quanto mais inter-relações se estabelecerem entre si, tanto maior relevância apresenta o sítio e tanto mais formas de proteção legal e medidas efetivas serão exigidas para sua preservação. Quanto mais fios se entrecruzam, mais forte se torna a malha tecida. “A capacidade de conferir significados plausíveis de serem transmitidos a pessoas de outras culturas e de outras épocas, a memória e o conhecimento humano são os elementos que irão estruturar e sustentar esse tecido.”

Os moradores do município de São Domingos fazem suas próprias leituras, porém, creio que eles em sua grande maioria não tem noção do quanto esta região é preciosa. Mesmo que eles não consideram algumas de suas ações como sendo dignas de reconhecimento pelos outros, eles mantêm as práticas. Um exemplo disto é que a maioria dos moradores de São Domingos quando saem da cidade seja para trabalhar ou para fazer uma faculdade, tem o desejo de retornar para a cidade, nem que seja nos períodos de festejos. Vê-se um elo que não se perde ao passar dos anos. Para quem trabalha nas proximidades esse retorno é significativo, pois, uma grande parte retornam todos os fins de semanas. Isso mostra definitivamente como é a relação dos dominicanos com seu território.

A maioria das pessoas que conversei me relatou que participava dos festejos e que estas festas eram muito boas, principalmente para namorar. Nestes períodos a cidade enche de

turistas e fica toda animada, dançar forró e o momento mais esperado das festas. Existem vários grupos regionais (Farinha com Rapadura) de forró, um forró um pouco diferente, porém, muito típico da região. Eles valorizam outros ritmos e outros tipos de forró, mas eles realmente se reconhecem com esse ritmo. Este estilo é muito conhecido na região e é fácil de tocar existe poucos instrumentos, garantindo assim que seja de fácil acesso pelas comunidades. Nas festas mais importantes são contratados grupos profissionais para entreter os frequentadores. Os dominicanos se gabam de serem animados, pois dançam até o dia amanhecer e o que mais atrai os turistas e a tranquilidade e segurança da cidade. A participação das ações culturais às vezes é apenas admirada por alguns moradores, creio que isso se dá por falta de condições físicas na maioria das vezes, seja pela idade, por algum problema de locomoção ou simplesmente por querer apenas contemplar.

Existem varias interpretações de paisagem cultural, e segundo RIBEIRO (2007), “em meio a múltiplas interpretações, há um consenso de que a paisagem cultural é fruto do agenciamento do homem sobre o seu espaço”, então vemos o quanto existem possibilidades de várias leituras possíveis sobre a paisagem cultural. O conceito de paisagem já vem sendo estudado por um bom tempo no mundo inteiro, até 2005 já havia cerca de cinquenta bens inscritos nesta categoria. A UNESCO em 1992 instituiu a paisagem cultural como forma de registro para a inscrição de patrimônio mundial, facilitando muito o processo de preservação do patrimônio e da preservação do meio-ambiente. No contexto mundial existia naquele momento uma preocupação com a camada de ozônio e o aquecimento global, e isso fez com que houvesse esta preocupação em relação às ações humanas nas transformações do território. Valorizar a paisagem e uma motivação para preservar a cultura local. Tem uma frase muito utilizada: “a cultura é o agente, a área natural o meio e a paisagem cultural é o resultado” (SAUER, 1996). A paisagem cultural não é estática ela está em constante transformação, pela ação do homem e por mudanças naturais.

No Brasil com o IPHAN, já existia desde 1937, a lei n.º 25, para proteção da paisagem, mas apenas em 30/04/2009, foi estabelecida uma Portaria n.º 127 que coloca a paisagem cultural como ferramenta de proteção do patrimônio. Nas décadas de 30 e 50, no Brasil são criados alguns Parques e Florestas protegidas, em 1938 é criada a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, já na década de 70 com a influência internacional que está neste momento muito engajada com a luta pela proteção da natureza, aqui no Brasil é criada a Secretaria Especial do Meio Ambiente — SEMA. Em 1989 é criado o Instituto Brasileiro de Meio-Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis — o IBAMA. E com isso esses recém-criados órgãos ajudam o IPHAN na proteção e preservação do Patrimônio

Natural. O IPHAN em suas ações de tombamento em relação mais ao caráter cultural dos bens, pois, eles não tombaram pelo valor excepcional da paisagem.

São Domingos tem sua história ligada com a Serra Geral, seu cartão postal. A história da cidade está e sempre esteve em suas narrativas, sua referências estão sempre relacionadas à majestosa Serra. Existe uma ligação desde a pré-história da região em que os primeiros habitantes utilizavam os abrigos ao pé da Serra Geral. Após esse período essa região é ocupada por índios Tupiguarani que também utilizaram esses abrigos como proteção. Por volta de 1750 começa uma rota de vaqueiros que veem nesta região, um lugar para trazer os rebanhos de gado do alto São Francisco em busca de alimento no tempo da seca para o gado e com isso começa a ocupação dessas áreas pelos vaqueiros. No momento em que se começa uma mínima estrutura alguns destes passam a fixarem moradias nesta região. E com isso surge a necessidade desses vaqueiros de encontrar pastagem para o gado. Segundo relatos orais de antigos moradores os tropeiros e vaqueiros, subiam a Serra Geral para que o gado se alimentasse, e isso se dava porque na Serra durante a noite o orvalho garantia sempre um broto de capim, e isso era muito bom para o gado, pois o rebanho não perdia tanto peso. A troca de vaqueiro ocorria geralmente de quinzenalmente, eles passavam o dia pescando no rio Grande e caçando Ema, que era em abundância na campina. Os dominicanos usufruíram da campina e de seus recursos neste período. Com o constante fluxo de rebanhos surgem também várias histórias, como, por exemplo, a baixa-da-égua. Essa referência se deu após uma égua de carga que estava descendo a Serra, quando ela foi beber água na grotinha ficou atolada. Então a partir daí aquele lugar de descida ficou conhecido como a baixa-da-égua.

Outro lugar que a comunidade dominicana tem com a natureza uma integração e durante a Romaria de Bom Jesus da Lapa há outro momento de incrível sincronismo com a natureza, e algo simplesmente mágico onde a paisagem cultural se revela no mais profundo sentimento de integração. Neste momento vemos como uma paisagem se engloba juntamente com a cultura, segundo o livreto do IPHAN (2009) sobre a paisagem cultural:

A chancela da Paisagem Cultural é o mais novo instrumento de preservação do patrimônio cultural brasileiro, lançado em 2009 pelo Iphan. Conforme a Portaria Iphan nº 127/2009, que regulamenta essa chancela, Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores.

Para que São Domingos ganhe uma chancela de Paisagem Cultural deve-se comprometer a cumprir o planejamento de gestão exigido pelo IPHAN, o objetivo desta

chancelar e garantir que as ações culturais perdurem sem que prejudique o meio ambiente garantindo um equilíbrio entre o homem e a natureza. Esse modelo de preservação tanto da cultura quanto do meio-ambiente é algo que as instituições utilizam como forma de preservar um todo. São Domingos possui uma paisagem especial que reúne várias possibilidades de patrimônio cultural: edificações antigas, engenhos de cana-de-açúcar, bens naturais, manifestações populares, folclore, bens culturais imateriais, grutas e sítios arqueológicos a céu aberto. A grande biodiversidade e os vários biomas neste local lhe confere uma característica única. E neste cenário aparentemente hostil, muitas pessoas foram se adaptando ao meio e fixando morada.

Figura 10: Buritis altos, Cabeceira da Vereda e a Ponte de Pedra



Fonte: <http://www.blogantoniocarlos.com/2018/03/sao-domingosgo-buritis-altos-cabeceira.html>

Até os dias de hoje a ponte é utilizada por cavaleiros que vão participar da Romaria de Bom Jesus da Lapa na cavalcada de Posse para a Terra Ronca.

Os modos de vida e as ações culturais dos grupos de nordestinos, indígenas, ribeirinhos, quilombolas, sertanejos e estrangeiros. São Domingos era um corredor de tradições, conhecimentos, rota de pessoas que vinham para o Centro-Oeste do País fugindo da fome, da seca e da falta de oportunidade. Era uma rota muito perigosa, onde tinha que ter cuidado, pois existiam bandos que ficavam a espreitar os viajantes para os roubarem e para que não houvesse vestígios matavam suas vítimas. Esses dados mostra como o ser humano pode transformar o seu território e superar as interpreses da natureza e de certo modo doma-la.

Figura 11: Prainha do Lago de São Domingos

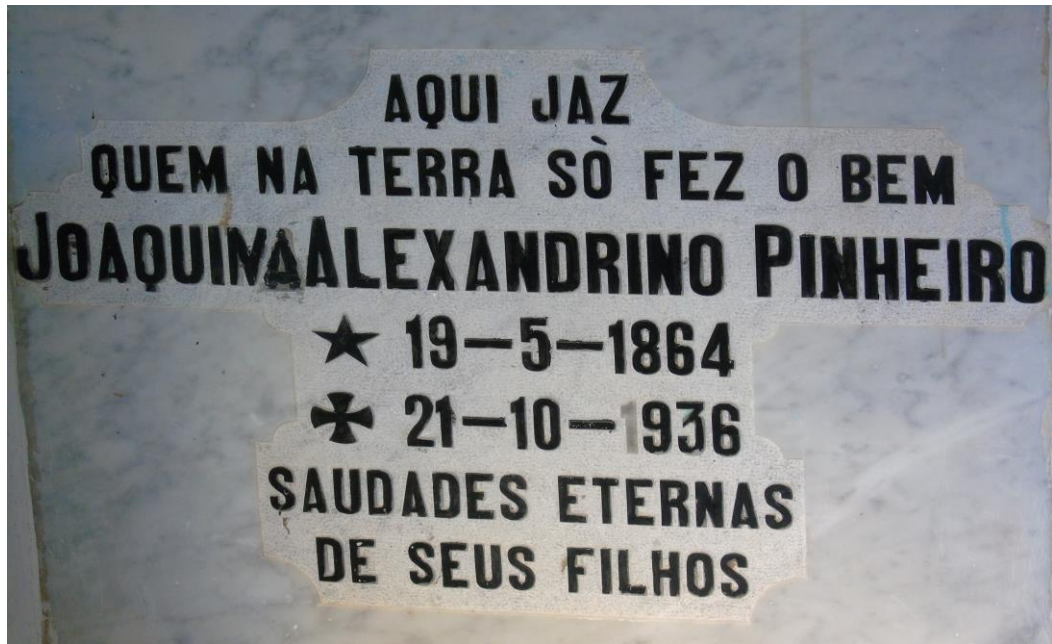


Fonte: blogantoniocarlos.com

-IGREJA MATRIZ

A Primeira igreja a ser construída foi em 1835, por Jacinto Pinheiro e os descendentes dos fundadores, Domingos Valente de Oliveira e Domingos Valente de Santa Cruz (IBGE, 1958). Essa primeira igreja se encontrava na mesma Praça da Igreja da Matriz, o ponto exato é demarcado pela cruz que está encravada no meio da Praça. Essa cruz marca o local em que Jacinto Pinheiro foi enterrado, dizem também que tem outros objetos que foram enterrados neste local, dizem que tem crucifixos de ouro. Na igreja atual uma das figuras mais importantes da região que era conhecida como Mãe do Povo foi enterrada dentro da igreja. Dona Joaquina Pinheiro, foi uma das pessoas mais caridosas e devotas da cidade, ela era a esposa do Jacinto Pinheiro, ela era muito querida pela paróquia.

Figura 12: Jazigo de Dona Joaquina Pinheiro dentro da Igreja Matriz



Fonte: Acervo pessoal 2019

Tem um fato que marcou o seu nome para sempre com a Igreja Matriz, quando em uma chuva muito forte atingiu a Vila e a igreja teve uma das partes atingidas. Dona Joaquina não descansou enquanto a igreja não estivesse pronta. Essa restauração demorou quase três anos.

Figura 13: Igreja Matriz de São Domingos Gusmão

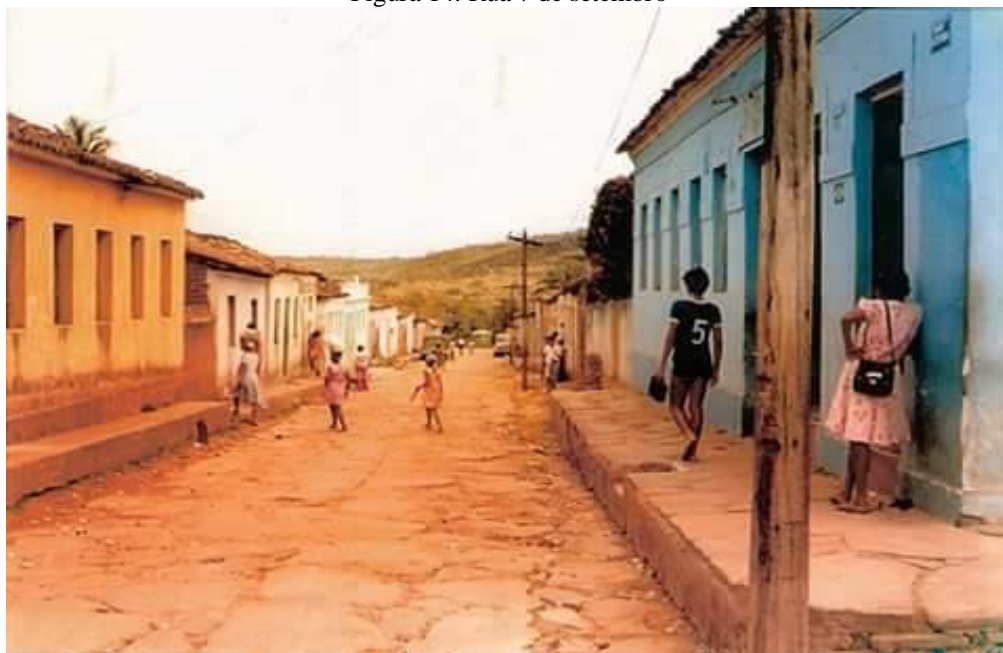


Fonte: Acervo pessoal 2019

- RUA 7 DE SETEMBRO E RUA DAS FLORES

Estas ruas é um dos principais passeios feito de pedras, que fazem parte do Centro Histórico de São Domingos.

Figura 14: Rua 7 de setembro



Fonte: Reprodução do Facebook

Figura 15: Casa da Rua de Pedra 7 de setembro



Fonte: Acervo pessoal 2019

- CASARÕES ANTIGOS

Os casarões antigos do centro histórico da cidade muitas casas já foram destruídas.

Figura 16: Casarão Centenário



Fonte:

https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQpvFFZ7zuC9q5WZlSXoXrvSNJvC1WN6G5LP-Qd-bt_hBi5PtBJ

Figura 17: Casarão de estilo colonial da Rua Flores



Fonte: Acervo pessoal 2019

Alfandega ou a casa do quinto, local onde o ouro da região era pesado antes de seguir para o Império.

Figura 18: Casa da Alfandega



Fonte: <http://www.dinomarmiranda.com/2019/01/patrimonio-historico-de-sao-domingos-go.html>

Figura 19: Local onde estava à Casa do Quinto



Fonte: <http://www.blogantoniocarlos.com>

- SEMINÁRIO E A CASA PAROQUIAL

Após passar por algumas modificações e perdendo sua estética colonial, para garantir conforto aos padres e aos visitantes religiosos. Também foi colocada grades nas janelas para garantir a segurança. As adaptações ocorreram mais na parte interior da casa,

como cerâmica e nos banheiros. No dia da minha visita o Padre estava viajando, mas segundo relatos do responsável ele é uma pessoa muito aberta e preocupada com o patrimônio da cidade. Ele também está engajado nesta luta por proteção da cultura local. A falta de recursos é a principal causa do abandono do patrimônio público, a igreja quanto uma iniciativa social faz o que pode.

Figura 20: Casa Paroquial que foi construída ao lado do Seminário



Fonte: Acervo pessoal 2019

No dia em que fui à paróquia foi-me mostrado um quadro pela secretária, de uma artista local, que doou o quadro para fazer uma rifa. O quadro era o retrato do Seminário e da casa paroquial. A casa Paroquial é uma inspiração para os artistas, pois, a sua localização é a mais bela de todos os ângulos. É considerado um dos pontos de visitação principal.

Figura 21: Piso original do Seminário



Fonte: Acervo pessoal 2019

Esse piso é original, esse era o piso da Igreja Matriz de São Domingos. Todas essas edificações mais antigas foram construídas com adobo fabricado na região, as telhas foram feitas nas coxas dos escravos. Após a abolição o trabalho mais pesado era realizado pelos negros, pedreiro, quebrar pedras, carregar pedras ou barro e outras atividades. Muitos se tornaram carpinteiros que é uma atividade mais qualificada. Assim foi se dando a relação na região com os negros e sua mão-de-obra.

Figura 22: Estética colonial da fachada da Casa Paroquial



Fonte: Acervo pessoal 201

Figura 23: Seminário



Fonte: Acervo pessoal 2019

- MURO DE PEDRA (feito por escravos)

Figura 24: Muro de Pedra



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Figura 25: Final do muro de pedra



Fonte: Acervo pessoal, 2019

- 1ª ESCOLA LOCAL

A primeira escola construída no município foi feita pelos Padres Jesuítas.

2.2. Patrimônio Arqueológico de São Domingos

Agora conheceremos um pouco sobre a arqueologia, como uma ciência social, que estuda o material produzido pelo homem e sua evolução. Arqueologia vem do grego *archaios* que significa antigo e *logos* que significa estudo, ou seja, o estudo do que é antigo. A arqueologia segundo Funari (2003) só pode ser entendida em seu contexto histórico e social. Na Arqueologia seu modelo mais difundido é o histórico-cultural em que analisa um povo, em determinado território é uma cultura. Este modelo é criticado, pois, a variação dentro de um mesmo povo, então deve sempre buscar uma contextualização da época dos costumes, etc. Ela é uma fonte de poder e foi muito utilizada para requerer direitos e posses de determinadas narrativas.

O patrimônio arqueológico segundo o IPHAN, já é protegido pela “Lei n.º 3,924, de 26 de julho de 1961, sendo considerados bens da União, cabendo assim sua proteção e conservação. Estão incluídos nesses bens cemitérios, lapas, grutas, abrigos sob rocha e outros

vestígios de atividade humana”. Este é o respaldo que temos para requeremos que a União possa fiscalizar e administrar os sítios arqueológicos de São Domingos de danos ambientais que possam descaracterizar os bens culturais da cidade.

A Universidade Federal de Goiás deu início a pesquisas arqueológicas na região desde 1978, com os dados coletados através do Projeto Bacia do Paranã, vimos quão difícil foi construir um relatório arqueológico da região naquela época. Mas os principais dados que constam nas fichas do IPHAN e do Projeto Bacia do Paranã da Universidade Federal de Goiás em parceria com o Instituto Superior de Cultura Brasileira, Rio de Janeiro. O Projeto foi realizado por uma grande equipe coordenada pelo prof. Alfredo A. C. Mendonça de Souza e executada pelo Prof. Acary de Passos Oliveira. Uma parte da equipe foi designada para uma prospecção arqueológica em São Domingos. No sítio da lapa da angélica n.º6 foram encontrados no lugar um sepultamento em uma cova irregular, segundo os relatos dos pesquisadores Alfredo e Acary (1981) “o corpo foi cercado por coquinhos de macaúba, que foram queimados, atingindo parte de uma das mãos. Encontrava-se fletido em decúbito lateral direito, com a cabeça voltada para leste”. Também foram encontrados ossos supostamente de uma criança, mas neste caso se tratava de uma suposta queda. Encontraram-se ali algumas pinturas em vermelho e preto, mas que foram danificadas por ações humanas no local ou incêndios. Em sua 7.ª missão a região foi mais proveitosa, onde houve incidência de cacos de cerâmicas, abundante material lítico lascado, lascas, chert e jaspe, lâmina de machado polido, restos de ossos e raros fragmentos de cerâmicas.

Em uma pesquisa com o Título SUDOESTE DA BAHIA E LESTE DE GOIÁS: Projeto Serra Geral, analisaram dois sítios da tradição Tupiguarani, com os quais Barbosa (1984) formou a fase São Domingos. O sítio GO-PA-64, que está localizado próximo ao Rio São Bernardo, era um lugar de sepultamento, em que foram encontradas urnas indígenas. Eles denominaram os três locais de escavação como sepultamento 1, 2 e 3. Em que no primeiro sepultamento 1 foram encontrados cinco vasilhames, alguns eram utensílios domésticos,

2.2.1 Arqueologia e Espeleologia

A arqueologia e a Espeleologia estão ligadas aos estudos dos primeiros habitantes da Terra. A investigar os vestígios da humanidade e sua origem, cultura e produção, os arqueólogos encontram na Espeleologia informação que ajudam na contextualização dos fatos, pois, os primeiros hominídeos eles utilizaram as cavernas, lapas e abrigos, como forma de refúgio do clima e dos animais. Então eles começaram a produzir suas próprias

ferramentas de caça e com isso surgiu os materiais líticos, ficando muito material a ser explorado como fonte de informações dos mesmos.

Um pouco mais tarde, certos locais inspiraram esse "primitivo", que no silêncio da mata soltava a sua imaginação, pintando em paredes lisas ou gravando na rocha friável, mensagens para as gerações futuras, sinais para se lembrar de fatos singulares, ou, talvez, uma súplica para alguma entidade superior, da qual ele precisava de ajuda neste mundo um tanto hostil e perigoso. (SIMÕES, http://www.sbe.com.br/cavernas_arqueo.asp#top)

Encontramos na Espeleologia os conceitos de cavernas, grutas, abrigos, tocas, fossos e abismos. Não farei um relato minucioso sobre o assunto, pois, não sou habilitada a adentrar de forma profunda sobre este assunto. Apenas contextualizarei os termos para elucidar algumas diferenças. Encontrei um artigo do Espeleólogo Pércio de Moraes Branco publicado em 2014. Ele inicia o seu artigo conceituando a espeleologia como uma ciência que estuda as cavernas na sua origem, suas modificações e evoluções e como foi habitada por seres vivos. No site da SBE, Pércio faz a classificação de alguns termos espeleológicos:

- O termo caverna vem do latim cavus que significa buraco. A cavidade deve ser natural que possa entrar um adulto. Os espeleólogos têm suas especificações quanto às medidas, mas essas medidas podem variar também dependendo de cada. Existem de vários tipos de classificações. O que vai definir essas diferenças é a forma, o comprimento, etc.
- Abrigo é uma cavidade de pequeno comprimento e grande abertura que pode ser usada como guarita por animais ou pessoas.
- Toca é uma caverna com grande abertura, desenvolvimento horizontal menor que 20 metros e uma única entrada. Costuma ser predominantemente horizontal, sendo o desnível, quando presente, pequeno.
- Gruta ou lapa é uma caverna também predominantemente horizontal, mas com mais de 20 metros de comprimento. Pode ter desníveis internos e salões. Geralmente tem mais de uma entrada, mas nem sempre se pode atravessá-la de um lado ao outro.
- Fosso é uma caverna predominantemente vertical, com grande abertura e desnível inferior a 10 metros.
- Abismo é uma caverna também predominantemente vertical, mas com desnível maior que 10 metros.

Ele também relata que alguns autores não consideram cavernas, abrigos e tocas, pois, dizem que para essas formações serem consideradas cavernas devem ter mais de 20 metros de comprimento e 10 metros de altura e largura. Ainda em alguns lugares no Brasil para ser considerado como caverna, a cavidade deve possuir pelo menos duas saídas.

Em São Domingos a Cavernas de Terra Ronca I, São Mateus, São Bernardo e São Vicente. Segundo os dados do Cadastro Nacional de Cavernas do Brasil — CNC. A Lapa da Angélica está em 5.º lugar das cavernas em comprimento. Sua extensão é cerca de 14.100 m. Outras cavernas e grutas também estão neste ranque.

- Caverna de Terra Ronca I e II – é a caverna mais frequentada por turista por ser uma das mais fáceis e bonitas. Ele recebeu este nome devido ao barulho produzido por pisadas ou trepidações em que as rochas de calcário ressoam como um eco. A boca da caverna mede 96 metros de altura e 100 metros de largura. Sendo umas das maiores da América. Possui imensos salões com estalactites e estalagmites.
- Caverna de São Matheus I, II e III – O complexo de São Matheus é um dos maiores da América Latina. Nela existem formações que só existem no local. Um dos espetáculos é o Salão de pérolas. O rio São Matheus corre dentro da caverna e produz algumas praias em seu interior.
- Caverna de São Bernardo – Está caverna é uma das cavernas de mais difícil acesso. Dois rios de água cristalina se encontram dentro da caverna. Sua entrada e de difícil acesso e exige equipamentos específicos.
- Caverna de São Vicente – Está caverna é a menos visitada, por ser uma das mais perigosas cavernas do mundo. Seu acesso chegou a ser proibido para visitantes. Ela possui cânion e fendas muito profundas. O rio São Vicente tem muita correnteza tornando muito mais perigoso à exploração.
- Gruta da Angélica – ela é umas das mais belas do parque, o rio que percorre dentro dessa caverna e o rio da Angélica. Esse rio submerge e ressurgue como algo que faz parte do cenário magico daquele lugar. Ela está entre os cinco maiores do Brasil, são aproximadamente 14 km de extensão.

E posteriormente a essas ações inicia-se a fabricação de cerâmica pelos indígenas que também se utilizaram desses espaços como abrigo e esconderijos. E também após algum tempo com chegada dos escravos negros que também trouxeram suas marcas e deixaram seus vestígios, contribuindo também com a formação da comunidade dominicana.

Muitas destas grutas foram utilizadas como refúgio para a Coluna Prestes, Jorge Amado no seu livro “Cavaleiro da Esperança”, onde ele relata a trajetória em que estes revoltosos partiram da Vila de São Domingos, para o Maranhão, segundo o site do Diário da Manhã (2015) “faziam parte da comitiva de Luiz Carlos Prestes, Juarez Távora, Miguel Costa, João Alberto, Djalma Dutra e Padre Maneco, este de Goiás Velho, que se juntara ao grupo para manifestar-se contra o governo”. Muitas pessoas não entendiam o que estava acontecendo e por várias narrativas os revoltosos eram temidos e levava pavor aos moradores e povoados, que nem entendiam o que ocorria na época e qual era uma revolução dos tenentes. Os revoltosos tinham que enfrentar os perigos das grutas e das onças que eram muitas naquela região, eles também buscavam nestes espaços abrigo e comida. Eles tinham que conviver com o medo constante das onças e da lei. Porém, estes revoltosos não saquearam os moradores nem tampouco os incomodavam, pelo contrário tinha até certa proteção destes. Tem até um relato interessante de uma das famílias, que conta que um destes revoltosos foi contratado para proteger a família Honorato, quem fala é o Dr. João Pinheiro Honorato: “foi um revoltoso que pedira a minha mãe, Dona Mundinha, para que batizasse minha irmã com o nome de Irene, explicando que a menina era bonitinha e que o nome seria uma homenagem à sua noiva, chamada Irene, que ele tinha deixado no Nordeste”. Esses relatos foram registrados por Emílio Vieira, um professor universitário, advogado e escritor, membro da Academia Goiana de Letras, da União Brasileira de Escritores de Goiás e da Associação Goiana de Imprensa.

A Coluna Prestes foi uma revolta política contra o Governo da República Velha feita por militares, o seu principal representante foi o Capitão Luís Carlos Prestes. Essa revolta ter a duração entre os anos de 1922 e 1927, alguns autores dizem que foi entre 1925 e 1927. Não sei exatamente quando esse movimento ganhou força, mas, os tenentes já vinham mostrando certo descontentamento em relação ao governo. Havia muita fraude, exploração da classe mais pobre, falta de democracia e excesso de poder dos Coronéis.

A Coluna Prestes tinha como objetivo percorrer o Brasil, principalmente no interior da nação, convocando a população a lutar pelo voto secreto, pela igualdade social e para derrubar o então Presidente Artur Bernardes. Eles queriam que todos tivessem seus direitos de educação garantidos pelo Estado. Porém eles foram pintados como baderneiros e bandidos fazendo com que parte das comunidades os tivesse como ameaça e não como pessoas que buscavam melhorias e se revoltavam contra as oligarquias de Minas e São Paulo. Eles percorreram uma grande parte do território brasileiro proclamando justiça e transparência no Brasil.

Em 15 de outubro os revoltosos entraram no estado de Mato Grosso acampando nas proximidades de Coxim. Foi decidido que a marcha seria encerrada e que eles emigrariam para a Bolívia. A decisão de pôr fim à marcha foi tomada por várias razões, uma das quais ligadas ao fim do governo de Artur Bernardes, que seria substituído em novembro por Washington Luís. Ainda segundo Prestes, a decisão se deveu à compreensão, por parte dos comandantes revolucionários, da “inutilidade de nossos esforços [...] começamos a dar-nos conta de que as consequências da luta que sustentávamos golpeavam a parte mais pobre da população, pois atrás da coluna vinham as forças do governo, capazes de todas as violências e arbitrariedades [...] Além disso, por falta de um objetivo político claro, no seio da coluna começaram a aparecer sintomas de degeneração, o que poderia conduzir muitos dos seus componentes ao banditismo”(ABREU, 1930, ver)

Figura 26: Notícia de um Jornal – A MANHÃ 2ª edição



Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/-6PLN4g7rNog/VhsOQHAMuoI/AAAAAAAAAMtA/dPJXlqdgW-0/s1600/carlosprestes.jpg>. Acesso 27/07/2019.

2.3. Cultura Imaterial

Para muitos escritores o que diferencia a cultura imaterial da cultura imaterial e a característica de algo ser tangível e intangível. O IPAHN diz que Constituição Federal de 1988, em seus [artigos 215](#) e [216](#), ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. A cultura imaterial são as práticas do cotidiano, festividades e diversos modos de saber e fazer que estejam diretamente ligados ao povo e sua cultura proporcionando continuidade e reconhecimento.

Os bens culturais imateriais trazem traços de identidades enraizadas na cultura de um povo, os valores são passados entre as gerações. A maioria desses bens não tem registros literários e nem audiovisuais. Com a interferência da mundialização da cultura, esses patrimônios corriam os riscos do desaparecimento. PELEGRINI, FUNAR (2006).

Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000 institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o programa nacional do patrimônio imaterial e dê outras providências. O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o Artigo 84, inciso IV, e tendo em vista o disposto no Artigo 14 da Lei nº 9.649, de 27 de maio de 1998:

Decreta: Artigo 1º- Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro. § 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

A cultura imaterial é o reconhecimento das ações populares como fontes de saberes, apropriações, sincretismo e conhecimentos adquiridos e modificados de cada grupo social. Ao ser humano cabe produzir, transmitir e perpetuar suas crenças e práticas.

2.3.1 FESTAS RELIGIOSAS

ROMARIA DE BOM JESUS DA LAPA

De acordo com o Livro de Tombo da Paróquia de São Domingos de Goiás, aberto em sete de julho de 1928, no qual o padre José Maria, nas páginas 14 e 15, relata sua desobriga do ano de 1929, o local já era de romaria, mas, não de forma sistematizada. Este trecho foi retirado do livro de tombo paroquial.

“Em Terra Ronca visitei a importante e celebre Lapa, onde entra misterioso o Rio de igual nome. Vai gente a fazer e deixar promessas ou ex-votos, principalmente ao Bom Jesus da Lapa e tem conseguido graças, como atestam os ex-votos que ali achei. Fui ao dia vinte e três de abril, de tarde, acompanhado dumas quinze pessoas. Deixei um pequeno crucifixo de metal,

que me ofereceram o dito crucifixo na Capital da Bahia faz anos, perante ele celebrei muitas vezes nas desobrigas. Perante ele rezei 3 padres nossos ao Bom Jesus da Lapa e cantei um bendito com os circundantes, pedindo que anunciassem e espalhassem a voz que tinha sido por mim colocado, para que ninguém tirasse. Perante o dito crucifixo ascendi também velas e coloquei em volta dele as promessas que achei. Prometi, com o auxílio do divino, dar missas lá este mesmo ano. Fiz tudo isso para não virar lugar de superstição e possa no futuro ser centro de piedade e devoção. Na página 19 desse mesmo livro, o Padre José Maria relata como ocorreram as primeiras celebrações em Terra Ronca: Nos dias vinte e seis e vinte e sete de setembro de 1929 houve missas na Lapa de Terra Ronca e terço nos dias vinte e cinco e vinte e seis. Em frente da Lapa, foi levantado um artístico cruzeiro com as datas do dia da colocação da imagem do Senhor Bom Jesus na Lapa, do dia da primeira missa nela celebrada e do dia do erguimento do cruzeiro; fazendo a benção o Padre Benedicto. Houve muita afluência de povo, eu não pude ir por causa de moléstia na véspera da viagem. (...)O Reverendíssimo Vigário da Posse salvou a situação. A romaria pegou graças ao Bom Jesus”.

O ÍNICIO DAS ROMARIAS

A romaria teve início em 1935, pelo padre espanhol Luiz Olabarrieta que propôs que os fieis fosse a gruta pagar suas promessas em vez de ir a igreja Bom Jesus da Lapa na Bahia. As romarias já ocorriam antes, não de forma sistêmica, mas não há registros documentais que comprovem somente as falas dos moradores. No livro de tombo paroquial também tem relatos de quando se inicia a romaria.

“À página 91 do Livro de Tombo encontra-se um Resumo Ministerial de 1948 que diz: Iniciou a Romaria da Lapa de Terra Ronca. O povo tem devoção ao Bom Jesus. Se os vigários futuros a cultivarem terá movimento avassalador. A majestade da abertura da gruta, a mistura entre a vegetação e as pedras, a sensação de amplitude, tudo colaborava e colabora para tornar místico o local. O rio ladeado por uma mata, penetrando gruta adentro, sob a cúpula formada pela projeção da boca da caverna em sua forma de ogiva, transmite uma sensação de plenitude, manifestada por muitos dos romeiros. O movimento crescia, a cada ano tinha mais gente no interior, notando-se grande devoção e confiança do povo no Bom Jesus (Tombo, pag. 91)”.

Os romeiros se encontram no dia 5 de agosto, em um ponto de encontro onde se reunirão para saírem em direção ao PETeR — Parque Estadual Turístico Terra Ronca, local onde está encravado na pedra um pequeno altar do Senhor Bom Jesus da Lapa. A Cavalcada da fé de São Domingos começa a se reunir na prainha do lago, após forma-se a caravana eles se deslocam para a praça do coreto para saírem da igreja Matriz de São Domingos. Todos com a mesma indumentária, e a indumentária e algo que os diferenciam dos demais romeiros, e ao vestirem esses trajes, e como se tivessem tomado forma de guardiões da fé e da tradição. Ao

chegarem à igreja todos os cavalheiros e recebem a benção do padre, inicia-se assim a cavalgada que percorre as principais ruas da cidade passando pelas construções tombadas da cidade, sendo também uma forma de valorizar o patrimônio material. Participar da cavalgada é uma honra para aqueles que fazem parte desse processo, que se inicia meses antes com a comitiva da romaria. Esta tem como forma de firmar suas identidades com auxílio dessas ações da cultura local.

Figura 27: Início da cavalgada da fé de São Domingos



Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/6PLN4g7rNog/VhsOOHAMuol/AAAAAAAAAMtA/dPJX1qdgW-0/s1600/carlosprestes.jpg>.

Os cavaleiros seguem viagem, durante o percurso recebem apoio dos fazendeiros que ficam à margem do caminho, oferecendo água, comida, cafezinho, uma brejeira (água ardente) e banheiro. Neste grupo vão desde crianças, mulheres e até idosos que fazem questão de participar da Romaria como forma de demonstrar sua fé e gratidão. Não é algo fácil, mas a fé os motiva de uma forma que emociona a todos, com a devoção e a alegria em pagar as promessas recebidas. Segundo Peirano (2008), é nesse contexto amplo que gostaria de sugerir que a (boa) etnografia de inspiração antropológica não é apenas uma metodologia e/ou uma prática de pesquisa, mas a própria teoria vivida. O período da festa é de estiagem e isso garante aos romeiros um céu estrelado e limpo segundo Kopenawa (1993). Uma imagem de um céu que não tem como descrever. A fé é algo individual, contudo a expressão coletiva

desta traz ao ambiente esperança, amor e solidariedade. Pois ninguém se propõe a andar 10 km em cima do lombo de um animal, só por vaidade ou para estar em comunidade, é necessário ter fé e gratidão.

Figura 28: Percurso da Cavalgada.



Fonte: https://4.bp.blogspot.com/uqxFMHfaQM/WYZPCKPGkLI/AAAAAAAAAZ4E/QoTl4jCLVbYEO7_DvQmuSNZT9gfpObVHQCLcBGAs/s1600/c4.jpg

Chegando a gruta de Terra Ronca no dia seguinte pela manhã, os cavaleiros cumprem seus rituais religiosos. Cantam cantos religiosos e reza para o Senhor Bom Jesus da Lapa, em comemoração a transfiguração de Cristo. Nesta festa vários padres vêm de muitos lugares e eles passam os dias ministrando missas, batizados e casamentos.

Outros romeiros vão de carro, carroça e ônibus, cedidos pela prefeitura. No local, vários mascates instalam-se e vendem de tudo nesta época, torna-se até tradição deixar para fazer compra dos mascates. Os mascates ganham muito dinheiro. Afim, de garantir uma mínima estrutura para os romeiros são montadas barracas de taboca (típico bambu da região) e palha de buriti, recursos comuns desta região. Nestas barracas são vendidas comidas típicas, bebidas e objetos religiosos. Há toda uma infraestrutura, para garantir aos romeiros segurança,

banheiros, tendas, cadeiras e socorro médico. Algumas prefeituras servem até a alimentação durante a festa, como forma de incentivar a participação dos visitantes nos próximos anos. Os visitantes que participam dos dois dias de festas geralmente ficam no entorno da gruta em áreas de camping. É um momento de relações pessoais e encontros regionais. Grupos diversos frequentam a Gruta para participar das festas. Além dos fins religiosos há quem participa da festa como forma de diversão, um momento de sair do cotidiano.

Essa romaria conta com outras cavalgadas que saem dos municípios vizinhos, com o apoio das prefeituras e das comunidades. Um exemplo é a de Guarani de Goiás, que também tem seu início no dia 5 de agosto. Posse também realiza a cavalgada todos os anos para a Romaria de Bom Jesus da Lapa.

Guia Ramiro, um importante morador das proximidades, conta sobre a tradição de seus antepassados de batizar os filhos e se casarem na gruta. Assim como eles, ele também foi batizado e se casou no local. Há relatos de pessoas que assim como Guia Ramiro mantêm a tradição de todos os anos participarem da Romaria. Ramiro já faz parte da narrativa e do cenário da Terra Ronca sempre muito hospitaleiro e atencioso. Sempre disposto a contar suas histórias e experiências.

Figura 29: Casa do Guia Ramiro



Fonte: Acervo pessoal, 2019

O Guia Ramiro é uma espécie de guardião da Terra Ronca, o IBAMA leva alguns animais que foram resgatados em cativeiro para que ele cuide e insira esses animais na

natureza. Sua casa parece um refúgio para esses animais todos vivem soltos e sempre retornam. Ramiro recebe um pequeno salário para cuidar destes animais e protege-los.

Figura 30: Fachada da Casa do Guia Ramiro com a oração de São Francisco



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Figura 31: Tucano e um casal de araras azuis criados solto pelo Guia Ramiro



Fonte: Acervo pessoal, 2019

- MALHAÇÃO DO JUDAS

Na passagem de sexta-feira da Paixão para sábado de Aleluia, faz a quinta do Judas e planta um pé de banana, (outras as pessoas roubam galinhas, guariroba para comerem e outros alimentos dos quintais, para fazerem farra com os amigos). Os outros roubam carros velhos, carros de boi, roubam tudo que não tem valor (prestígio), e levam para quinta do Judas. Após a correria da noite eles fazem o testamento de Judas, onde eles penduram Judas (um boneco feito de retalhos e roupas velhas) em uma vara na quinta (que significa o terreno que foi comprado pelos sacerdotes com as moedas devolvidas por Judas após trair Jesus) aonde eles dão tiros e derrubam Judas e começam a disputar partes do boneco, após a malhação e lido o testamento de Judas, que contem o nome das pessoas que iriam receber a doação da gravata, do terno, do chapéu de Judas (as pessoas influentes e que recebiam estas doações). Após essa leitura do testamento leem-se as coisas encobertas dos moradores da cidade e lido no meio da praça pública.

- FOLIA DE REIS

A Folia de Reis é uma festividade em que os dominicanos têm o orgulho de seus festejos, são muito devotos e procura não deixar a folia acabar. A folia de Reis tem seus dias já determinados, os foliões saem de casa em casa com a bandeira. Maria Luiza coloca a afirmação de (apud BRANDÃO, 1985b) “que a Folia de Reis é uma festa popular organizada por leigos, e que foi trazida ao Brasil pelos Jesuítas e introduzida pela Igreja Católica [...] para a catequização indígena e africana [...] da ordem social”.

Está festa relembra a chegada dos Três Reis Magos para visitar Jesus Cristo em Belém, após o seu nascimento levando muitos presentes. A festa dura seis dias e ocorre geralmente no dia 6 de Janeiro, onde os presépios são desmontados. O percurso nas casas é um dos principais elementos de ligação entre os devotos representando a visita dos Três Reis Magos, e como os Reis trouxeram presentes são tidos como mensageiros de prosperidade para os que os recebem. Em sua dissertação de mestrado Maria Luiza faz uma relação da cultura popular com o fortalecimento da identidade.

A Folia de Reis é uma tradição religiosa e cultural originária dos portugueses que, apesar dos desafios oriundos da modernidade, continua sendo realizada até os dias de hoje. Compreender, portanto, a Folia enquanto fenômeno religioso consiste, de um lado, se reapropriar do passado para compreender sua origem e seu contexto histórico e, de outro, compreender uma das funções da religião que se configura como instrumento de coesão social. (SANTOS SILVA, 2006 p.15)

Ao participarem destas ações culturais esses moradores se fortalecem e se unem em uma mesma crença e fé, que os torna importantes como pertencentes desta narrativa.

Neste momento não está em cena o poder social ou econômico e sim a devoção. Muitos autores discutem sobre a religiosidade e como ela se dá na formação da identidade local e na manifestação cultural popular. Durkheim (2000, p. 32) define que religião “é um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas que reúnem numa mesma comunidade moral chamada igreja, todos aqueles que a aderem”. As festas católicas é a união do sagrado com o popular sociabilizando a comunidade. As pessoas já deixam pré-programado os próximos a receberem os foliões. A folia é um cortejo que ocorre de casa em casa e é independente da instituição da igreja, seja na montagem dos grupos, ou seja, nas próprias procissões. Os três Reis Magos não são reconhecidos como santos pela igreja católica. Porém, eles são reconhecidos pelo povo, que acharam uma forma de celebrar relembrando sua em forma cortejo. Cada cidade, cada grupo se diferencia em alguma coisa, nenhuma ação é igual, a folia sempre vai sofrer influências e para Pereira (2006, p. 26):

A Folia de Reis é um testemunho vivo da tradição que é passada de pais para filhos e assim, sucessivamente. No entanto, como a cultura não pode ser congelada, a própria tradição a faz-se dinâmica porque as pessoas não se limitam apenas a reproduzir, mas a construir, através de sua subjetividade, de sua interpretação e ressignificação uma realidade simbólica.

Cada participante tem um cargo, esses cargos só podem ser ocupados por homens, cabendo às mulheres apenas o trabalho na preparação do alimento nos pousos. Elas também ajudam na hora das rezas, mas as cantorias e a procissão só os homens podem participar. Para fazer parte do grupo é preciso ser um católico praticante, que demonstre a sua fé participando das atividades, sendo um reflexo de sua gratidão. Os cargos podem ser modificados conforme a necessidade do grupo. Os cargos não sofrem muitas modificações, são praticamente as mesmas funções com poucas variações:

- Festeiro: organiza a festa de encerramento, nesta casa será preparado um banquete em agradecimento aos festejos;
- Folião: os integrantes das músicas e danças;
- Mestre ou embaixador: responsável por explicar aos foliões os princípios a serem seguidos durante o giro e na direção da cantoria;
- Alferes ou bandeireiro: transporta a bandeira, guia as pessoas das casas que os recebem e recolhe os donativos;

- Os palhaços: representam os Reis Magos ou o Rei Herodes e seus soldados.
- Gerente do giro: prepara o roteiro da trajetória.

A folia se inicia na casa do festeiro, onde ocorrerá a ‘saída’ após inicia-se o giro pelas casas, com os lugares já determinados para o almoço e o jantar, finalizando na casa do festeiro depois dos cinco dias de festa. Os foliões consideram a folia como uma brincadeira em que veem a caridade e o agradecimento à vinda ao Menino Jesus. Um momento muito importante da folia é a bandeira ela é um objeto de referência da sagrada família e dos reis Magos. A bandeira é produzida todos os anos, mas, a sua referencia ao Menino Jesus e aos santos Reis é o foco da fabricação da bandeira. Quando a bandeira chega é entregue aos donos da casa para se ajoelharem e beijarem a bandeira, mostrando sua devoção.

A bandeira só é colocada sobre o altar no meio da cantoria e conforme determina o verso cantado (descrito na página seguinte) ela é o objeto central e mais venerado de todo o altar, sendo beijada pelos foliões após a reza do terço e demais pessoas presentes que queiram reverenciá-la (SANTOS SILVA, 2006 p.60).

O festeiro que comunica antecipadamente ao embaixador e ao gerente, para que nos giros ondem se recebem as doações sejam repassadas para o festeiro para ajudar nas despesas da festa, tudo fica por conta do festeiro do ano, para alimentar os foliões e os convidados. Em São Domingos os festejos duram a noite toda, eles chegam ao pouso cantam e celebram e após os rituais e os comes e bebes, os convidados caem no forró. Os foliões geralmente não participam, pois, estão muito cansados.

Todos os cânticos são puxados pelo embaixador de memória e de improviso, ele faz a primeira voz e os outros foliões a 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª voz. A cantiga são orações de gratidão, é uma reza cantada. Os principais instrumentos são o violão, a viola, a rabeca, os tambores, a sanfona, o reco-reco e a gaita. Cada momento exige um cântico específico em que as regras regem as entoações e as letras.

O pouso é na ultima casa do dia, a pessoa responsável de dar o pouso prepara as comidas e os doces que serão servidos aos foliões. Todos da vizinhança se sentem convidados para o festejo. Os foliões entram na casa rezam e cantam em agradecimento do alimento e rezam o pai nosso e estão todos liberados para o jantar.

A ‘chegada’ é o momento em que se junta um numero mais expressivo de pessoas para agradecer pelo fim da jornada (SANTOS SILVA, 2006, p. 75). Muitos fogos e cantoria. Após, e iniciado a passagem da coroa e do ramalhete. Há também a apresentação do

próximo festeiro. A coroa é colocada na cabeça do festeiro e o ramallete é entregue nas mãos de sua esposa.

2.4 Outros Festejos

VAQUEJADA

A Vaquejada é uma festa que ocorre sempre no mês de junho ou julho, em que o município se encontra em um circuito de vaquejada do estado de Goiás. É uma festa que atrai muitos visitantes e há uma participação muito grande da população, onde muitos dos trabalhadores das fazendas da região participam da competição. Está festa é considerada por muitos um pouco agressivos para os animais, porém, para os trabalhadores rurais e algo do cotidiano dos vaqueiros, e que a festa só é para mostrar as habilidades de cada participante. A visão pode se diferir, mas a festa traz muito movimento e é a hora em que estes profissionais e suas práticas são valorizadas. Durante o período da festa a cidade vira uma passarela de desfiles de cavalos belíssimos com valores exorbitantes, que são tratados como verdadeiros troféus. Daí o cavaleiro se encontra em segundo plano e o animal tem seu devido tributo.

Figura 32: Vaquejada de São Domingos



Fonte: <https://www.rotajuridica.com.br/governador-ronaldo-caiado-sanciona-lei-que-regulamenta-vaquejada-em-goias/>

- RODEIO

O rodeio em São Domingos é outro evento muito esperado e reconhecido na região, pois, vem participante de todo o Brasil para o evento com locutores famosos e grandes shows de artistas do circuito regional. Neste momento há um aquecimento na economia local, onde a cidade se prepara para receber este grande fluxo de visitantes das cidades vizinhas e arredores da cidade. O Rodeio já é uma tradição estabelecida na cidade, ele vem como uma ferramenta para fortalecer vínculo com a comunidade, que é beneficiada pela injeção de dinheiro no município. Todo o cenário da região conversa com o tradicional mundo do rodeio até os looks mudam, as pessoas usam botas, camisas xadrez, cintos com fivelas, calças apertadas e outros apetrechos que fazem todo o diferencial da festa de rodeio. O Rodeio não é apenas uma simples festa ele se tornou um grande evento, em que a gastronomia, e produtos de cerâmicas produzidos por mulheres da região para serem vendidos aproveitando o grande público e as danças típicas se tornaram parte deste evento. Esse evento é um momento de valorização do caipira e de sua cultura.

Figura 33: Rodeio de São Domingos



Fonte: <https://rodeio.site/rodeio-2018-em-sao-domingos-go/>

2.5 Mitos, lendas e histórias.

O mito se faz presente no nosso cotidiano, existem várias definições de mito como uma fantasia, porém, o mito é uma narrativa que busca mediar e explicar o que é inexplicável. O mito não é simplesmente uma invenção, e apenas uma maneira lúdica de expressar algo de alguma cultura, que pode parecer estranha para os diferentes, mas para estes são uma forma de repassar seus valores e suas ideologias. Esses grupos utilizam-se deste artifício para construir um imaginário coletivo.

Para LIMA (2013), a origem de certos bens, práticas e saberes, ressaltando que a apropriação é resultado desses deslocamentos por espaços-tempos distintos, onde moram outros povos, humanos e não humanos. As narrativas vão sendo apropriada e modificada com a aproximação e com o passar do tempo, a união e transmissão de crenças indígenas, como relato da história local e algo que valoriza a cultura indígena, mesmo que possam ocorrer algumas modificações da fala no decorrer do tempo, mas isso também é algo natural.

-POTES DE OURO

Na época que não existiam bancos na região, muitas pessoas enterravam seus ouros e pertences de valor em lugares estratégicos, como, por exemplo, um pé de tamborim para garantir a localização do tesouro. Está é uma das explicações que se dão ao serem encontrados potes de barros cheios de ouro. Outra explicação é que os índios faziam isso como forma de não entregarem o ouro aos brancos, porém, nenhuma dessas histórias foram comprovadas. O que é interessante são as lendas que foram criadas no entorno destas falas. Dizem que as pessoas sonham com uma pessoa perguntando se querem o pote por três vezes, se a pessoa disser que aceita a pessoa do sonho mostra o local exato onde está enterrado o pote de ouro. Assim surgiu mais uma lenda na região.

-GALO

A Lenda do Galo de ouro é contada desde muito tempo atrás, muitos relatam que o Galo aparece ao pé do Morro do Moleque, para espantar os curiosos ‘garimpeiros’. Este Galo era feito de ouro, media cerca de um metro e meio, tinha esporas de esmeralda, olhos de diamantes e penas de rubis. Sua descrição é belíssima, porém causava espanto e temor nos moradores. Essas aparições ocorriam geralmente em noites claras. Outras criaturas estavam juntamente com o Galo para defender a mata e seus tesouros, uma destas criaturas eram as

cobras de fogo que desciam a Serra, elas tinham olhos de fogo também era chamada pelos índios de Boitatá. Onde elas passavam o mato queimava, o corpo delas era feito de fogo por dentro.

-SERPENTE

Nesta região de São Domingos existe uma lenda muito antiga de que uma serpente que mora no interior da terra e que sua cabeça esta na gruta de Terra Ronca e que o seu Rabo estaria no Morro do Moleque, conta a lenda de que quando está serpente acorda porque ficou insatisfeita com algo ela acorda e quando ela acorda coisas ruins acontecem como, por exemplo, terremotos, deslizamentos e outras tragédias.

-NEGO D'ÁGUA

Nego d'água e uma lenda muito contada na região, em que um grupo de criaturas de pequena estatura de cabelo pixaim que vive nos rios em locas que ataca pessoa e animais que ficam nas margens dos rios. Existe um relato da Dona Terezinha em que ela e seu filho foram atacados pelos supostos negos d'água. Dizem que eles atacam as pessoas que estão na beira do rio despercebido e as puxam para dentro do rio, e depois disto essas pessoas nunca mais são vistas. Eles têm uns grunhidos que parece o som de maritacas. Existem relatos da esposa do Guia Ramiro ter visto uma criatura em cima de uma pedra e que essa criatura teria seios. Mas ao perceber a presença dela entra na água e desaparece.

CAPITULO III. SÃO DOMINGOS NO CENÁRIO CULTURAL E TURISTICO

Em uma análise da cidade de São Domingos de Goiás, encontramos múltiplas possibilidades de patrimônio. O que nos faz refletir de como será o impacto negativo ou positivo nestas comunidades locais e para o meio ambiente, com o aumento do turismo cultural na região. Como lidar com essas novas possibilidades de promoção e proteção do patrimônio, com o menor dano possível ao cotidiano dominicano, que uma boa parte da comunidade tanto conserva.

Não temos como prever sobre os impactos que a cultura local e o patrimônio cultural e natural sofrerão. Mas, existem normas e leis que já garante a proteção do patrimônio no Brasil. Dessa forma a comunidade e o poder público são responsáveis pela proteção do patrimônio, sob pena de responsabilização, para o bem da coletividade e garantir que as novas gerações também tenham o direito de usufruir destes patrimônios.

Para usufruirmos do patrimônio histórico, cultural e natural, e necessário projetos de conscientização e sustentabilidade. Atualmente tem ocorrido relatos de depredação, nas grutas e nas pinturas rupestres que estão dentro do PETeR que já é protegido pela constituição. Isso ocorre pela falta de fiscalização e pelo número reduzido de profissionais capacitados, para garantir que as leis de proteção sejam cumpridas e que tenham projetos para conscientizar a comunidade e os turistas da importância da preservação do Patrimônio.

Inserir um determinado grupo ou território, em um circuito turístico é algo a ser planejado e analisado de forma a garantir crescimento econômico local, desenvolvimento de políticas publicas, para que ações realizadas tragam benefícios, orientação profissional e promoção do patrimônio. Garantindo que a população local não sofra uma desnaturalização, deixando a comunidade sem identidade própria. Não interferir no cotidiano dos moradores de forma abrupta, para que não se tornem um lugar superficial que só está ali para suprir as necessidades dos visitantes, que estão ali na busca pelo exótico e diferente, ou mesmo engessando a comunidade, impedindo-a de se desenvolver e se modificar com o passar do tempo, só para benefício do turismo e do comércio.

Entende-se que cada lugar tem a sua própria historia, seus heróis, seus mitos, seus problemas, suas deficiências, seus anseios e valorizar essas diferenças e algo essencial. O equilíbrio do passado e do futuro com as nossas ações no presente garantem o bem-estar da coletividade e das gerações futuras. Somos todos os guardiões de cada patrimônio. A população desse povoado decidiu organizar a compilação das suas memórias reunindo-as em uma única narrativa cujo caráter científico registraria, comprovando, o valor

histórico e a importância dos grandes acontecimentos passados naquele lugar, comprovando, o valor histórico e a importância dos grandes acontecimentos passados naquela região.

CAPÍTULO IV: PROPOSTA DE UM PERCURSO

A proposta que trago é que o patrimônio cultural, natural e histórico de São Domingos, seja registrado e/ou tombado, de forma total ou parcial. Também proponho fazer com que a cidade entre no circuito cultural goiano, através de participação de seminários, encontros e discussões que tenham como foco o Patrimônio cultural, natural e histórico. A cultura e o meio-ambiente devem ser protegidos, para valorizar a comunidade dominicana. Trabalhar o patrimônio com a população e propor ações culturais com elas. Formular projetos de turismo sustentável e cultural, garantindo assim renda e desenvolvimento para a região. Buscar mais parcerias junto a instituições especializadas que podem oferecer suporte e divulgação, e treinamento aos projetos. Porém, o principal personagem que será fundamental na possível implementação destes projetos será o poder administrativo municipal, estadual e também federal. É imprescindível que haja esta interação entre a cultura e a administração pública.

São Domingos tem verdadeiros guardiões de seu patrimônio em que se vemos o quanto é difícil remar contra a maré. Vejo o quanto eles foram engajados em cada ano em que realizavam todas as atividades culturais, pois, garantiam a continuidade dessas ações. Não tenho medo de dizer igual a Mario Chagas em seu livro “Há uma Gota de Sangue em Cada Museu”, pois, creio que estes guardiões dão sangue e lágrimas para manter estes rituais. As funções destas associações são para proteger a cultura popular, histórica e o meio-ambiente. Por isso proponho que haja um planejamento cultural estadual para fortalecimento destas associações. É imprescindível que todas as instâncias do poder público se envolvam na preservação das culturas e garantir a educação patrimonial.

Outro ponto importante e principal, é a participação e colaboração da comunidade, onde cabe a ela também o envolvimento nestas ações. Apesar de que algumas das ações culturais locais já foram abandonadas, mas deve se respeitar a vontade da comunidade, que por muitas vezes sofrem influências externas que as leva ao abandono de certas práticas. Porém, mesmo vendo que por muitas vezes eles somente incluem ou retiram algumas das partes dessas práticas. Muitas das ações continuam sendo referência cultural na região, muitos turistas vêm de longe só para participar da Romaria da Lapa de Terra Ronca.

Por isso devemos propor algumas ações educativas para desenvolvermos com os visitantes desses espaços culturais que fazem parte do percurso histórico cultural de São Domingos. Uma destas ações é criar folders com um mapa do percurso com pequenos relatos históricos de cada local. Outro passo é propor uma visita ao Centro de Atendimento ao Turista

para uma breve conversa em relação aos principais pontos turísticos, contextualizando cada narrativa. Isto mostrará tanto as riquezas naturais, culturais e históricas da região. Pois, não tem como manter uma narrativa completa sem interligar os discursos. Garantir que o discurso seja respeitado e garantir uma aventura cultural e ecológica. A história de São Domingos é muito rica, seus mitos e lendas e de uma criatividade só. Por isso também proponho uma roda de Estórias onde ocorreria na Praça da Matriz, onde faria se uma roda envolta de uma fogueira e ali realizaria as narrativas das lendas e dos contos locais, esses contos trariam uma intensa experiência para os visitantes. E isso garantiria que muitas dessas narrações não se perdessem e demonstraria o como essas estórias são importantes na formação de uma comunidade. Outro projeto seria como uma ação de um Museu de Florianópolis em que se preparava um terreno com areia em que seriam enterrados alguns objetos descontextualizados, para simular uma pesquisa arqueológica, esta ação mostraria como é importante e difícil o trabalho de campo de um arqueólogo. O treinamento contínuo dos profissionais da área do turismo, os guias turísticos, os guardas ambientais, os administradores públicos garantindo assim uma qualidade e segurança no diálogo com os visitantes.

Com essas ações é possível que haja uma complementação do discurso do patrimônio cultural material e imaterial de São Domingos. Muitas das práticas culturais por falta de incentivo continuam sendo praticadas, porém, não com o devido valor cultural as comunidades não a devida noção da riqueza de seus patrimônios. Trazer a fauna e a flora também para esse discurso é muito interessante, com isso a fala dos locais como transmissores de conhecimentos, que vão desde diversas plantas medicinais a plantas comestíveis da região, como, por exemplo, pitanga, pitomba, mama-cadela, cagaita, brutos, mangaba, pequi, cajazinho do mato, ingá, caju do cerrado e muitos outros frutos que são em abundância na região. Faz parte também a valorização dessas espécies nativas, levando aos turistas uma viagem não só cultural, mas uma viagem na interiorização da cidade. Podendo garantir que as comunidades possam preservar o meio-ambiente como forma também de garantir que as espécies da flora e fauna nativas sejam preservadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo, investigar as relações da comunidade com o seu patrimônio, seja ele histórico, natural ou cultural. Como seu deu a conexão da narrativa histórica com a narrativa oral. Para obter algum resultado foi necessário retroceder no tempo e buscar vestígios e documentos históricos em que houvesse embasamento teórico e documental. Através dessa pesquisa observei o que ocorre na maioria dos municípios pequenos em que não tem a cultura desvinculada do poder político e que por isso estão subjugados as vontades e desmandos de pessoas que às vezes não tem a dimensão do valor histórico do município de São Domingos. É necessário fazer uma revisão de nossa postura em relação ao nosso patrimônio em que ele não pode fazer parte de um jogo de poder e disputas políticas, o patrimônio deveria estar acima desses interesses escusos.

Com a análise das relações entre a sociedade dominicana, o patrimônio cultural local e o município, ficaram evidenciados que no período da decadência do ouro, e provavelmente por isso a Província de Goyaz ficou totalmente abandonada, e, seus municípios. Este ressentimento ficou marcado na memória destas pessoas que de uma hora para outra se viram em uma cidade fantasma. Apesar de que o município logo se equilibrou, pois, tinha outras formas de subsistência, mas o que marcou foi o total desprezo do Império pela Província que deu muito lucro para eles.

Durante a pesquisa, pude verificar a dificuldade em obter informações importantes, por falta de documentos, vestígios, também por falta de contato com pessoas que estiveram envolvidos ou até mesmo sendo um figurante. Porém, a realização deste trabalho possibilitou encontros com muitas pessoas que tinham a preocupação em preservar e divulgar as riquezas culturais e naturais de São Domingos. Tendo como objetivo disseminar e viabilizar a cultura popular e seus referenciais culturais. Tudo isso com o principal intuito de conscientização, preservação e valorização de suas ações culturais. Os grupos que se organizarão em associações constataram algumas ressignificações, porém, estes grupos buscam mais veracidade e dados históricos.

Tive algumas respostas a alguns questionamentos, que a princípio eu indagava, porque a igreja Matriz de São Domingos não era tombada, porque o conjunto arquitetônico da cidade não foi tombado? A resposta que obtive foi que o IPHAN fez um relatório para propor o registro, mas pelas mudanças que foram feitas no interior de algumas casas e na igreja não

foi possível. Mas uma vez pude sentir um ressentimento em relação ao Estado na sua obrigação de proteger a cultura popular. Esta luta não é de agora, todas as tentativas de que o Estado intervenha e barrada por algum pretexto. Eles reconhecem que existem dificuldades, porém, percebem que a principal dificuldade é a falta de interesse dos administradores, que não veem na cultura algo que mereça atenção. Muitas das ações populares ainda resistem graças à participação e contribuição da comunidade. A igreja também está sempre contribuindo para que a cultura local não desapareça.

Nessa visão de vincular a história do espaço, o homem e a cultura, existe uma iniciativa de criar um museu. Este projeto é antigo, estes grupos buscam a representatividade em um lugar de memória. São Domingos tem potencial museal, ou seja, para sua musealização. O projeto viabilizará para a comunidade local, uma ferramenta cultural que garantirá acesso aos diversos acervos históricos e artísticos da sociedade dominicana. O museu seria também um lugar para salvaguardar, preservar, conservar, educar e divulgar.

Sei das dificuldades e dos desafios que este grupo está enfrentando, mas eles estão fazendo o que podem e não estão acomodado, deixando suas raízes culturais se acabarem. É muito importante para eles que o restante da comunidade também passe a reconhecer o pedido de socorro dos defensores da cultura popular. O engajamento é primordial nessa luta, pois, se o poder público não faz sua parte e preciso agir. Não que devemos deixar de exigir políticas públicas específicas e outras ações do poder público, devemos sim continuar cobrando dos governantes, mas o principal é a própria comunidade se apropriar e reivindicar sua identidade.

Para finalizar, desejo que a cidade de São Domingos consiga realizar seus projetos e com essas realizações venham também o desenvolvimento econômico, cultural e social desta cidade que tanto amo. Em que a educação patrimonial e ambiental possa ser empregada na comunidade, para garantir uma fonte de ensino cultural e social para valorizar e desenvolver a cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930. Luis Carlos Prestes (verbete);

_____. Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930. Tenentismo (verbete). Disponível em:

<<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/COLUNA%20PRESTES.pdf>>. Acesso em 17/07/2019.

Atlas do Desenvolvimento Humano. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). 2010. Disponível em:

<http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/sao-domingos_go>. Acesso 10/03/2019.

AZEVEDO, J. Cultura, patrimônio e turismo. In: (Irving, M. de A).

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. Memória e patrimônio – ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: UNI-RIO: FAPERJ: DP&A Editora, 2003.

CARVALHO, Giselia Lima. ENTRE A POBREZA ECONÔMICA E O PATRIMÔNIO AMBIENTAL/CULTURAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO TURISMO NO NORDESTE GOIANO. Anais do ENTBL – Planejamento para o desenvolvimento local. 03 a 06 de novembro de 2004. Curitiba – Paraná. 2004. Disponível em:

<https://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/up/215/o/Carvalho_giselia_lima_pobreza_econ_mic_a.pdf>. acesso em 17/07/2019.

CARVALHO, Carolina Vaz de. Patrimônio cultural como categoria de pensamento e categoria de ação: notas sobre o trânsito de práticas e conceitos e um esboço de reflexão sobre a cultura indígena em museus. In: Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v. 4, n.1, mar. 2014. Disponível em:

< <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/viewFile/2330/1542>>. Acesso em: 10/02/2019.

CASSIANO, C. M. Cultura popular, tradição oral e as novas tecnologias no processo de transmissão cultural. In: INTERNACIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE, 10, Rio de Janeiro. Proceeding...Rio de Janeiro; Fundação Getúlio Vargas: Central de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea:

CAUME, David José. A Agricultura Familiar no Estado de Goiás. Goiânia: Editora UFG, 1997.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Teorias Antropológicas e Objetos Materiais. In: Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio. Rio de Janeiro, 2007, p. 13-42;

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios. In: Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio. Rio de Janeiro, 2007, p. 211-234.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=520940&search=goias|guarani-de-goias>>. Acesso em: 27/03/2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico: população, trabalho e economia das cidades do nordeste goiano. 2010, 2014 e 2016. Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/go>>. Acesso em: 16 de jun. de 2019.

IPHAN. Coletânea de leis sob a preservação do Patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.p.99

MAGALHÃES FILHO, F. S. Paisagem cultural da cidade de Goiás: representações de moradores e visitantes. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

NOGUEIRA, Maria Francisca Magalhaes. Turismo e Cultura em Goiás. Goiânia: UFG, 2008.p.138-144:

PELEGRINI, Sandra C.A. e FUNARI, Pedro Paulo A. Patrimônio Histórico e Cultural. Rio de Janeiro; Zahar, 2006.

_____. O Que é Patrimônio Cultural Imaterial. São Paulo, Ed. Brasiliense, 2013. Coleção Primeiros Passos – 331.

POULOT, Dominique. Um Ecossistema do Patrimônio. In. CARVALHO, Claudia S. Rodrigues. GRANATO, Marcus. BEZERRA, Rafael Zamorano e BENCHETRIT, Sara Fassa (orgs.)Um Olhar Contemporâneo Sobre a Preservação do Patrimônio Cultural Material. Rio de Janeiro. Museu Histórico Nacional, 2008.

_____. Uma História do Patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo, Estação liberdade 2009.

RIBEIRO, Milton Martins. SÃO DOMINGOS TRADIÇÕES E CONFLITOS. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIANIA, 2008.

RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem cultural e patrimônio – Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC. 2007. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/SerPesDoc1_PaisagemCultural_m.pdf>. Acesso em: 01/07/2019.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental. SP: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS SILVA, Maria Luiza. Folia de Reis da Família Corrêa de Goianira: uma manifestação da religiosidade popular. / Maria Luiza Santos Silva. – Goiânia, 2006.

São Domingos (GO). Prefeitura. 2017. Disponível em:<<http://www.saodomingos.go.gov.br/sao-domingos>>. Acesso em: março de 2019.

VIEIRA, Joane Paraiso; NORMANDES, João Lucas S; ARANTES, Cassia da Silva C. Nordeste Goiano: Características e Oportunidades – Instituto Federal Goiano – 2017. Disponível em:

<<https://even3.blob.core.windows.net/anais/61596.pdf>>. Acesso em: 15/07/2019.

<https://www.saodomingos.go.gov.br/pagina/150-simbolos-municipais>. Acesso em 2019.

<http://mochileiro.tur.br/domingos.htm> . Acesso em 2019.

<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2264> Acesso em 25/06/2019.

<https://atlasescolar.ibge.gov.br/conceitos-gerais/o-que-e-cartografia.html>.

<https://santo.cancaonova.com/santo/sao-domingos-de-gusmao-homem-de-oracao/> acesso em 10/05/2019.

<http://www.dm.com.br/opiniaio/2015/10/vale-do-parana.html>. Acesso em 24/06/2019.

http://sigep.cprm.gov.br/propostas/045_SaoDomigos_GO_Anexo_IPHAN.htm. Acesso em 24/06/2019.

<https://www.rotajuridica.com.br/governador-ronaldo-caiado-sanciona-lei-que-regulamenta-vaquejada-em-goias/>. Acesso em 25/06/2019.

<http://whc.unesco.org/en/list/1046> - Alto Douro Wine Region.

<http://www.blogantoniocarlos.com/2018/10/sao-domingosgo-completa-164-anos.html>.
Acesso em: 16/06/2019.

REFERÊNCIAS FOTOGRÁFICAS

Figura 1: <http://www.goiasturismo.go.gov.br/wpcontent/uploads/2017/12/MapaRegionalizacao-2017.jpg>.<acesso 22/06/2019>.

Figura 2: http://www.intertechne.com.br/wpcontent/uploads/2015/12/DSC_0048.jpg.<Acesso em 27/06/2019>.

Figura 3: https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTkUrAuWytpjsLfq6NRw2Z8IJXCtl dYmqFf7Ejpn16_81JUmZr1Ug. .<acesso em 15/06/2019>.

Figura 4: http://1.bp.blogspot.com/rdtPN_QDlyQ/URKp8mPDg3I/AAAAAAAAAGAE/5vVRsLhi3a4/s1600/desastre.JPG.< Acesso em 27/06/2019>.

Figura 5: <http://3.bp.blogspot.com/nJkL366bvM/Vh5bhBWNsdI/AAAAAAAAAMzc/Z8GiJuOcaGg/s1600/familiapinheiro1945.jpg> .<acesso em 15/06/2019>.

Figura 6: <https://img.cancaonova.com/cnimages/canais/uploads/sites/2/2013/08/S%C3%A3o-Domingos-de-Gusm%C3%A3o.jpg> . .<acesso em 15/06/2019>.

Figura 7: <http://mochileiro.tur.br/go-sao-domingos-parque-estadual-terra-ronca.jpg>< acesso em 27/03/19>.

Figura 8: <http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2017-02/imagem-da-apa-serra-geral-de-goias1.jpg>. <acesso em 07/06/2019>.

Figura 9: Acervo de A. Duarte

Figura 10: <https://imgs.dm.com.br/resized/500/2018/02/1-26.jpg>. <acesso em 22/01/2019>.

Figura 11: https://1.bp.blogspot.com/0roW4lOpEjk/VwkWINFUQUI/AAAAAAAAQuI/k0_9GZOy2KI_PtI16PYUTewOT7ID55YpWA/w1200-h630-p-k-no-nu/SD2.jpg. <acesso em 01/07/2019>.

Figura 12: Acervo pessoal.

Figura 13: Acervo pessoal.

Figura 14: <https://3.bp.blogspot.com/iqTGe9kUSw/VshxHC6HooI/AAAAAAAAAPuA/EawsGsqnGH4/s400/7desetembro.jpg>. <acesso em 26/06/2019>.

Figura 15: https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQpvFFZ7zuC9q5WZlSXoXrvSNJvC1WN6G5LP-Qd-bt_hBi5PtBJ. <acesso em 26/06/2019>.

Figura 16: Acervo pessoal.

Figura 17: https://1.bp.blogspot.com/8HCqZoWGjgs/XEXhAg5dAPI/AAAAAAAVc/qe82Zdd22QHVU0Vh7pSC1cWhYmZwyGACLCBGAs/s400/740284_487798531270909_178144744_o.jpg: <acesso em 06/06/2019>.

Figura 18: https://4.bp.blogspot.com/s61JkJi_G0/Wz5r1wI55uI/AAAAAAA6FA/D6w8cYZNgAi35WQtPkWC5dWDDKUFTfTfGCLcBGAs/s1600/12743933_760389950759508_1697407964185865606_n.jpg. <acesso em 06/06/2019>.

Figura 19: Acervo pessoal.

Figura 20: Acervo pessoal.

Figura 21: Acervo pessoal.

Figura 22: Acervo pessoal.

Figura 23: Acervo pessoal.

Figura 24: Acervo pessoal.

Figura 25: Acervo pessoal.

Figura 26: <http://4.bp.blogspot.com/6PLN4g7rNog/VhsOQHAMuoI/AAAAAAAAAMtA/dPJX1qdgW-0/s1600/carlosprestes.jpg>. <Acesso 27/07/2019>.

Figura 27: <http://4.bp.blogspot.com/6PLN4g7rNog/VhsOQHAMuoI/AAAAAAAAAMtA/dPJX1qdgW-0/s1600/carlosprestes.jpg>. <Acesso 27/07/2019>.

Figura 28: https://4.bp.blogspot.com/uqxFMHfaQM/WYZPCkPGkLI/AAAAAAAAAZ4E/QoTl4jCLVbYEO7_DvQmuSNZT9gfpObVHQCLcBGAs/s1600/c4.jpg. <acesso em 18/04/2019>.

Figura 29: Acervo pessoal.

Figura 30: Acervo pessoal.

Figura 31: Acervo pessoal.

Figura 32: <https://www.rotajuridica.com.br/wpcontent/uploads/2016/11/vaquejada.jpeg>. <acesso em 12/01/2019>.

Figura 33: https://rodeio.site/wpcontent/uploads/2018/05/img_5af59efa34ce9768x481.png. <acesso em 11/01/2019>.

